



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS CLÓVIS MOURA – CCM
LICENCIATURA EM HISTÓRIA



MARÍLIA CHAVES SÁ

**AS REPRESENTAÇÕES DO 2º REINADO BRASILEIRO NA TELENOVELA *NOS
TEMPOS DO IMPERADOR***

TERESINA – PI

2025

MARÍLIA CHAVES SÁ

**AS REPRESENTAÇÕES DO 2º REINADO BRASILEIRO NA TELENOVELA *NOS
TEMPOS DO IMPERADOR***

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à banca examinadora da
Universidade Estadual do Piauí como
requisito parcial para a obtenção do grau
de Licenciada em História.

Orientadora: Profa. Me. Aldairis Pereira da
Silva Lages

TERESINA – PI

2025

S111r Sá, Marilia Chaves.

As representações do 2º reinado brasileiro na telenovela nos
tempos do imperador / Marilia Chaves Sá. - 2025. 68f.: il.

Monografia (graduação) - Curso de Licenciatura em História,
Universidade Estadual do Piauí, 2025.

"Orientador: Profª. Me. Aldairis Pereira da Silva Lages".

1. História e Ficção. 2. Segundo Reinado. 3. Representação. 4.
Novela. I. Lages, Aldairis Pereira da Silva . II. Título.

CDD 900

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca da UESPI
GRASIELLY MUNIZ OLIVEIRA (Bibliotecário) CRB-3ª/1067

Dedico este trabalho aos meus pais que
muito novos precisaram crescer rápido e
são meus maiores incentivadores.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder saúde e perseverança nesta caminhada, pois sem a Sua presença isto não seria possível.

Agradeço profundamente à minha família, que foram meu alicerce em todo este período, por todo amor incondicional e pela força em todos os momentos. Obrigado por fazerem parte desta caminhada e pelo apoio silencioso. Como também, por todo seu amor, carinho e incentivo, não só neste período como em toda a minha vida, sendo a fonte da minha alegria e energia diária.

Dedico este trabalho também, à memória de minha tia e madrinha, Liliane, cuja a presença, mesmo após a sua partida, se fez uma inspiração e creio que se estivesse aqui estaria orgulhosa neste momento. Infelizmente não pode estar aqui fisicamente nesta reta final, mas a sua memória continuou me acompanhando e me fortalecendo durante toda esta caminhada. Que este trabalho também sirva como uma pequena homenagem à sua memória e importância que a senhora teve em minha vida, obrigado por todo carinho.

À minha orientadora, profa. Me. Aldairis Pereira da Silva Lages, expresso a minha profunda gratidão pela paciência, pelas orientações precisas e pela sua dedicação. A sua postura profissional e o seu conhecimento foram essenciais para a evolução deste trabalho e o meu amadurecimento como estudante.

Aos professores que compõem a banca avaliadora, agradeço de todo coração por aceitarem participar deste momento tão importante. Suas avaliações e comentários críticos são contribuições valiosas.

Aos meus colegas de turma e amigos, Amanda, Francisca, Valéria, Ítalo e Teo, que estiveram presentes nesta caminhada. Meu sincero obrigada por tornarem as aulas mais divertidas e pelo apoio mútuo em todos desafios que este caminha teve.

Agradeço profundamente a todos professores e professoras que contribuíram de forma decisiva para eu estar aqui. Cada aula, orientações e incentivos foram essências para a minha formação profissional e também pessoal. Sou imensamente grata pelo exemplo profissional e humano de cada um de vocês.

Agradeço à Universidade Estadual do Piauí – Campus Clóvis Moura por ter sido o espaço onde pude construir a minha trajetória acadêmica e me apaixonar ainda mais pela História, podendo desenvolver as minhas habilidades e ampliar a minha visão de mundo. Levo comigo todo conhecimento passado pelos profissionais que compõem esta instituição.

Resumo

O presente trabalho trata-se da análise do período conhecido por Segundo Reinado brasileiro e as suas representações na telenovela *Nos Tempos do Imperador* produzida e transmitida pela Rede Globo no ano de 2021. Seu principal objetivo é analisar como a História do Segundo Reinado do Brasil foi apresentada ao público a partir desta obra ficcional. A teoria das representações de Roger Chartier se fez necessária para a análise e desenvolvimento da pesquisa na medida em que nos ajudou a pensar sobre como aquele período da História Brasileira foi abordado na telenovela citada. Além da telenovela, nossa fonte principal para análises, se fez necessário a utilização de fontes bibliográficas, como livros, dissertações, artigos e teses, assim, discutindo a relação entre história e ficção. No desenvolvimento do trabalho, todos os 154 capítulos da telenovela foram assistidos e reassistidos, como também, fichados observando os diálogos, as roupas, os cenários e o trama da obra ficcional ao todo utilizando como base os objetivos específicos deste trabalho, em seguida se fez o fichamento das fontes bibliográficas para realizar a análise e entender como as representações do Segundo Reinado foram realizadas em *Nos Tempos do Imperador*. Os resultados obtidos mostraram-se positivos, indicando como os produtores fizeram pesquisas historiográficas na produção da telenovela. Concluindo como a novela, pode sim ser uma fonte histórica, mas também refletindo que ao se tratar de uma obra ficcional pode-se ter algumas modificações para se adaptar ao público, já que o intuito é o entretenimento.

Palavras-chaves: Novela; Representação; História e ficção; Segundo Reinado.

Abstract

The present work consists of an analysis of the period known as the Brazilian Second Reign and its representations in the telenovela *Nos Tempos do Imperador*, produced and broadcast by Rede Globo in 2021. Its main objective is to examine how the history of Brazil's Second Reign was presented to the public through this fictional work. Roger Chartier's theory of representations was essential for the analysis and development of the research, as it helped us reflect on how this period of Brazilian history was portrayed in the aforementioned telenovela. In addition to the telenovela—our primary source for analysis—it was also necessary to use bibliographical sources such as books, dissertations, articles, and theses, which enabled us to discuss the relationship between history and fiction. During the development of the study, all 154 episodes of the telenovela were watched, rewatched, and systematically outlined, with close attention to dialogues, costumes, settings, and the overall plot of the fictional narrative, guided by the specific objectives of this research. Subsequently, the bibliographical sources were also outlined in order to conduct the analysis and understand how the representations of the Second Reign were constructed in *Nos Tempos do Imperador*. The results were positive, showing that the producers carried out historiographical research during the making of the telenovela. The study concludes that the series can indeed be considered a historical source, while also acknowledging that, as a fictional work, certain modifications may have been made to adapt it to the audience, since its main purpose is entertainment.

Keywords: Telenovela; Representation; History and fiction; Second Reign

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. NOVELA NOS TEMPOS DO IMPERADOR: A RETRATAÇÃO SOCIOCULTURAL DO SEGUNDO REINADO	11
2.1. A elite brasileira no segundo reinado	12
2.1.1. A corte imperial representada na novela	12
2.1.2. Os coronéis e fazendeiros	19
2.2. A questão racial, a escravização e as lutas e resistências.....	21
2.2.1. A questão racial e a escravidão.....	22
2.2.2. As revoltas e a luta pela sonhada liberdade	27
2.3. A figura da mulher na sociedade.....	29
2.3.1. A mulher e a profissão na sociedade oitocentista.....	30
2.3.2. O papel da mulher no casamento.....	34
3. O ESTADISTA DOM PEDRO II ATRAVÉS DA TELENOVELA	35
3.1. Quem foi o imperador Dom Pedro II na História do Brasil.....	36
3.1.1. O personagem Dom Pedro II.....	36
3.2. A Família Imperial Na Telenovela e O Seu Papel Político	38
3.2.1. A criação das princesas.....	39
3.2.2. Casamentos arranjados com intuito político	41
3.3. O Imperador Na Questão Christie	44
3.3.1. O naufrágio do navio <i>Prince of Wales</i>	44
3.3.2. Os incidentes utilizados por Christie.....	48
3.4. O Imperador Na Guerra do Paraguai	51
3.4.1. O novo comandante do exército brasileiro	57
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
5. REFERÊNCIAS.....	63

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar o período histórico conhecido como Segundo Reinado do Brasil (1840-1889) a partir da telenovela *Nos Tempos do Imperador* produzida pela Rede Globo e transmitida em 2021. A transmissão do primeiro episódio foi ao ar no dia 9 de agosto de 2021, já o último episódio foi ao ar no dia 4 de fevereiro de 2022, e originalmente foi transmitida em canal aberto, porém, atualmente está disponível na plataforma de streaming Globoplay.

A telenovela foi criada por Thereza Falcão¹ e Alessandro Marson² e dirigida por Vinícius Coimbra³. A novela ao todo contém 154 episódios, onde segundo uma publicação no site oficial da Rede Globo⁴, o seu ponto inicial é o ano de 1856, sendo esta, a continuação da novela *Novo Mundo* (2017), onde se passa a vida do imperador Dom Pedro I e da imperatriz Leopoldina, pais de Dom Pedro II, durante o período histórico conhecido por Primeiro Reinado do Brasil. Em continuidade, o personagem do imperador Dom Pedro II é interpretado por Selton Mello⁵, já a imperatriz do Brasil, Teresa Cristina, tem como interprete a atriz Letícia Sabatella⁶. Ainda mais, na novela há mais duas personagens principais, sendo estes, Pilar interpretada pela atriz

¹ Thereza Falcão é autora roteirista com experiência em melodrama. Trabalhou por 25 anos na TV Globo onde, entre programas de humor, séries e infantis, foi autora titular das novelas *Novo Mundo*, *Nos Tempos do Imperador* e *Elas por Elas*, coautora em *Joia Rara* e *Cordel Encantado*, e colaboradora em outras quatro novelas, entre elas a emblemática *Avenida Brasil*. Atua também no Teatro, onde escreveu o musical *Emilinha e Marlene – as Rainhas do Rádio* e *Sonho Encantado de Cordel*; traduziu Sra. Klein, de Nicholas Wright, e adaptou os livros *A Mulher que Escreveu a Bíblia*, de Moacyr Scliar, *Memórias de Adriano*, de Marguerite Yourcenar e *Fim de Caso*, de Graham Greene (Academia Brasileira de Cinema, c2025, disponível em: academiabrasileiradecinema.com.br/socios-acad/thereza-falcao/).

² Nascido em Águas de Lindóia, no interior de São Paulo, Alessandro Marson é formado em Jornalismo pela PUC-Campinas e iniciou a carreira artística no teatro, atuando em peças de autores clássicos. Além dos palcos, o autor também trabalhou como repórter e assessor de imprensa (Pazin, 2024, disponível em: <https://caras.com.br/tv/tive-uma-historia-linda-na-globo-afirma-alessandro-marson-apos-quase-25-anos-de-contrato.phtml>).

³ Segundo o site Papo de Cinema, ele nasceu no dia 16 de julho de 1971 na cidade de Niterói no Rio de Janeiro, como também, além de diretor, também é roteirista e produtor. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/artistas/vinicius-coimbra/>

⁴ <https://redeglobo.globo.com/pa/tvliberal/noticia/nos-tempos-do-imperador-conheca-um-pouco-sobre-a-trama-e-curiosidades-historicas-da-nova-novela-das-seis.ghtml>.

⁵ "é um ator brasileiro com uma carreira de sucesso como artista por mais de quatro décadas. Nascido em Minas Gerais, ele atuou em diversas novelas de sucesso e está presente em diversos filmes e séries de televisão. Além disso, Selton Mello atuou como produtor, diretor de cinema e dublador (Brasil Escola, c2025, Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/biografia/selton-mello.htm>

⁶ A atriz mineira Letícia Sabatella estreou na Globo em 1991, aos 20 anos de idade. Participou de novelas e minisséries de destaque como *O Clone*, *Caminho das Índias* e *Agosto* (Memória Globo, 2021, disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/leticia-sabatella/noticia/leticia-sabatella.ghtml>.

Gabriela Medvedovski⁷, a personagem é uma mulher que deseja estudar medicina, mas enfrenta os problemas da época, seu pai Eudoro, fazendeiro e coronel, não a deixa estudar e já a prometeu em casamento a Tônico Rocha, futuro candidato a deputado da Bahia e antagonista da trama, interpretado por Alexandre Nero⁸. Outro personagem muito abordado na trama é Jorge, negro e ex-escravizado e a partir da trama em volta dele que se apresenta as questões raciais da época como a escravidão, a alforria, o processo de abolição e algumas revoltas negras da época, quem o interpreta é o ator Michel Gomes⁹.

Afim de embasar teoricamente esta pesquisa, nos apropriamos das contribuições de Roger Chartier, autor clássico na área da História e Cultura, sobre representações culturais, sendo assim, se faz necessário compreender o conceito de representações a partir do seu embasamento teórico.

O conceito de representação traz consigo uma discussão complexa. (tanto etimológica quanto filosófica, mas simplificando, “*Representação*” pode ter vários sentidos em português. Trata-se de uma palavra de origem latina, oriunda do vocábulo *repraesentare* que significa “tornar presente” ou “apresentar de novo” (Dos Santos, 2011, p. 28).

Para Chartier, pode-se pensar uma história cultural que tome por objetivo a compreensão das representações do mundo social a partir de quem o descreve e como pensam que o que está sendo representado é ou como acredita que seria (Chartier, 1990, p.19), partindo-se dessa premissa procurou-se busca entender e analisar o período histórico do Segundo Reinado a partir de como ele é representado na novela, como os autores buscaram transmitir conhecimentos sobre aquele período adaptando-o para uma obra ficcional com o objetivo de entretenimento do público. Ainda mais, a representação apresenta dois sentidos para Roger Chartier, sendo o primeiro: “[...] a representação é um instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma ‘imagem’ capaz de

⁷ Nascida em 1992 em São Paulo, é uma atriz e bailarina (Caras, c2025, disponível em: <https://caras.com.br/perfil/gabriela-medvedovski.phtml>).

⁸ Segundo o Memória Globo, o ator Alexandre Nero nasceu em Curitiba, Paraná em 13 de fevereiro de 1970. Ingressou na Globo em 2007. Na novela A Regra do Jogo (2015), foi indicado ao Emmy Internacional. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/alexandre-nero/noticia/alexandre-nero.ghtml>.

⁹ Segundo o site Caras, ele é um ator brasileiro nascido no Rio de Janeiro em 1989, disponível em: <https://caras.com.br/perfil/michel-gomes.phtml>

reconstituir em memória e de o figurar como ele é (Chartier, 1990, p. 20)". Ou seja, o Segundo Reinado é um objeto ausente e a novela faz a representação deste objeto a partir de uma imagem, e da perspectiva dos produtores.

Já o segundo sentido é que através da representação é possível ver uma coisa ausente, é como uma apresentação pública de algo ou alguém (Chartier, 1990, p. 20) Diante disto, este trabalho busca entender como o Segundo Reinado, objeto ausente, é substituído e constituído pela novela, relacionando com pesquisas historiográficas para que assim possa alcançar o seu objetivo. Portanto, entender o conceito de representação é particularmente relevante aqui, uma vez que o autor fornece subsídios para análise do Segundo Reinado sob a perspectiva da novela *Nos Tempos do Imperador* (2021), já que, tais pressupostos teóricos se alinham com o objetivo desta pesquisa, que consiste em compreender a história do Segundo Reinado do Brasil a partir da novela *Nos Tempos do Imperador* (2021).

Diante disto, levantou-se as seguintes questões norteadoras para a pesquisa: Como a novela nos tempos do imperador retrata a atuação política do imperador D. Pedro II? Como o contexto histórico-sócio-cultural do Segundo Reinado é abordado na novela *Nos Tempos do Imperador*?

Outrossim, para o alcance positivo das respostas para a problemática, esta pesquisa tem como objetivo geral: Analisar a história do Segundo Reinado do Brasil a partir da novela *Nos Tempos do Imperador* (2021). E sustenta-se em seus objetivos específicos que são estes respectivamente: Discutir como a figura e a atuação política de Dom Pedro II são retratadas na novela; Contextualizar o período sociocultural do Segundo Reinado do qual trata a novela *Nos Tempos do Imperador*.

Justifica-se a escolha do tema da pesquisa devido ao apreço por estudos sobre Brasil Monárquico já desde o ensino médio, com destaque ao 2º reinado onde é um período marcante para a história brasileira, o apreço por documentários sobre a temática com destaque em aspectos econômicos, culturais e políticos, sempre me fizeram gostar de estudar a História do Brasil Monárquico, do 1º reinado tanto quanto do 2º reinado do Brasil. Em suma, o interesse na temática contribuiu para a escolha de pesquisar e desenvolver um trabalho sobre a novela *Nos Tempos do Imperador*.

Ainda mais, justifica-se academicamente a escolha da temática como uma contribuição para as pesquisas da área de História e Ficção, bem como, a ficção e a história são utilizadas para retratar o 2º reinado na História do Brasil. Em continuidade, espera-se contribuir com mais discussões sobre como as novelas baseadas em um

determinado período histórico podem ser utilizadas como documento/fonte de estudo. Em suma, contribuir com mais estudos sobre o uso de ferramentas audiovisuais para o ensino de História.

E justifica-se a escolha da pesquisa socialmente já que a novela retrata um período da História brasileira e aborda questões sociais que através da pesquisa vai poder auxiliar a comunidade a compreender estes aspectos da época representados na teledramaturgia, já que a novela está presente culturalmente na casa da maioria dos brasileiros, e também, a novela foi transmitida no canal da Rede Globo, sendo este um canal aberto e uma grande parte do público tem acesso a este meio de comunicação, logo, analisando como a novela transmitiu conhecimentos históricos para a população e contribuiu socialmente para o conhecimento sobre a história brasileira ao público que a assistiu.

Acerca da metodologia utilizada na realização da pesquisa, o método de análise de conteúdo foi utilizado para analisar como a telenovela representa o Segundo Reinado do Brasil, já que, é necessário compreender os aspectos culturais e sociais que a novela está apresentando, tanto em aspectos visuais, como as roupas, os cenários comportamento dos personagens, quanto em seu enredo, como as falas e expressões, na dramaturgia. No artigo *Análise de Conteúdo: da teoria à prática em teoria sociais aplicada às organizações* escrito por Rosana Hoffman Câmara, ela disserta que:

Gaskell (2002, p. 65) afirma também que a pesquisa qualitativa “fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivação, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos (Gaskell, 2002, p. 65 apud Câmara, 2013, p. 181).

Portanto, a análise de conteúdo se fez necessária para compreender como a novela coloca seus personagens como atores sociais durante o período retratado, analisando desde as suas falas, comportamentos, crenças, vestimentas e costumes, sendo importante ressaltar que todos os capítulos da novela foram fichados e analisados, sendo abordado neste trabalho as partes que mais se destacaram durante a análise com o intuito de alcançar o nosso objetivo.

Assim como também, se faz necessário o método dedutivo, pois, será preciso fazer a interpretação do conteúdo estudado, como Maria Luci de Mesquita escreve: “No método dedutivo, a realização ou a combinação de ideias em sentido

interpretativo têm mais valor que a experimentação caso a caso, ou seja, utiliza a dedução raciocínio que caminha do geral para o particular" (Prestes, 2011, p. 36). Desse modo, o método dedutivo será utilizado na pesquisa como forma de interpretar as informações que a novela transmite para o espectador, deduzir e interpretar todas as informações a partir de fontes secundárias, sendo estas as referências bibliográficas utilizadas neste trabalho.

Portanto, se deduz que mesmo em meio as tramas, enredos, intrigas e romances que o roteiro da novela aborda, o ficcional retrata a História do Brasil, especificamente do Segundo Reinado, aspectos como a vida pessoal e política do imperador Dom Pedro II, como por exemplo, a sua relação com a família e esposa, seu suposto relacionamento com a Condessa de Barral, e também, acontecimentos políticos como, os conflitos com as oligarquias e as elites da época, a abolição da escravidão no Brasil, a crise econômica, a Guerra do Paraguai e a proclamação da república. Além disso, também é possível perceber como a novela adapta a cultura e a sociedade da época através dos figurinos, da alimentação e dos comportamentos e hábitos dos personagens, apresentando também, como eram as elites da época, o papel da mulher na sociedade, e também, as questões raciais, como a escravidão, as revoltas negras e o processo de abolição da escravidão. Diante disto, deve-se ressaltar que este trabalho não busca fidelidade com a realidade, já que se trata de uma obra ficcional, mas sim, compreender como a novela representa o Segundo Reinado do Brasil. Em suma, este trabalho apoia-se em obras historiográficas, trabalhos acadêmicos como artigos, monografias, dissertações e Teses.

Em diante, este trabalho está dividido em quatro seções, sendo estas a Introdução, o primeiro capítulo batizado como *Os Aspectos Socioculturais do Segundo Reinado Apresentados na Novela Nos Tempos do Imperador*, que está dividido em três subtópicos, neles serão discutidos como aspectos sociais e culturais da época, como a elite, a questão racial e a figura da mulher são representados na novela, o segundo capítulo está intitulado como *A Figura do Imperador Dom Pedro II Através da Novela Nos Tempos do Imperador*, nele será discutido como a vida pessoal e política do imperador foi abordada na novela, e por fim, a conclusão.

2. NOVELA NOS TEMPOS DO IMPERADOR: A RETRATAÇÃO SOCIOCULTURAL DO SEGUNDO REINADO

Este capítulo tem como objetivo analisar de que formas a telenovela aborda as representações dos aspectos socioculturais do Segundo Reinado brasileiro, ele está dividido em três subtópicos: A elite da época (2.1); As questões raciais (2.2.), bastante presentes na época por se tratar de um período marcado pela escravização do povo negro, logo, se desenvolve muitas temáticas acerca disto; A figura da mulher na sociedade (2.3.).

2.1. A elite brasileira no segundo reinado

A organização social, política e econômica da época do Segundo Reinado brasileiro é definida por Lilia Schwarcz no livro *As Barbas do Imperador* (1998), através de um processo de acontecimentos, desde a vinda da Coroa portuguesa para a colônia na América e a permanência de Dom Pedro I, assim, consequentemente a sociedade é fruto da herança portuguesa e de influências europeias, sendo bastante hierarquizada e segregacionista com a desigualdade social escancarada, já que também é um governo escravocrata.

Os proprietários de terras, muito conhecidos pelo título de ‘coronéis’, é uma figura marcante na elite da época e estarão presentes no decorrer da obra ficcional que esta pesquisa analisa. No livro *História do Brasil* escrito por Boris Fausto, o autor define bem o papel econômico e político dos coronéis, como também, dos fazendeiros proprietários de terras e a influência destes na sociedade da época sendo base para compreender como a novela representa estes papéis de poder. Entretanto, haviam outros grupos político-econômicos influentes neste período, como os grandes comerciantes e empresários, como por exemplo, o Barão de Mauá. Entretanto, este subtópico foca-se exclusivamente nos grupos da elite mais desenvolvidos no enredo da telenovela, que são estes a corte imperial (seção 2.1.1.) e os grandes proprietários de terras, coronéis e fazendeiros (2.1.2.), respectivamente.

2.1.1. A corte imperial representada na novela

A corte brasileira, localizada na capital da época, o Rio de Janeiro, era o centro político e administrativo do império. Schwarcz (1998) trabalha as extravagâncias de seus integrantes e também as discussões políticas que dominam o centro da corte imperial, assim sendo esta obra historiográfica uma base necessária para compreender como a novela representa a corte brasileira do segundo reinado. A partir da análise a corte está presente no enredo da trama em torno do círculo social e

político do imperador, como nas decisões e discordâncias políticas da Câmara de Deputados, como também, é representada pelas personagens pertencentes a nobreza da época que constantemente a novela representa em seus episódios. Para a análise, foram escolhidas as personagens mais relevantes da novela, tendo como base a participação no enredo, tempo de tela e a relevância para a obra, buscando assim, entender a partir das obras historiográficas como a obra ficcional que esta pesquisa analisa aborda estas representações.

2.1.1.1. A nobreza oitocentista

Na novela, já pode-se identificar a nobreza através dos títulos dados aos personagens. Através das falas se entende como estes títulos eram símbolos de status e poder dentro da corte, os sobrenomes das famílias vinculadas aos títulos e brasões, demonstravam riqueza na época, e também, status, isto também será visível nas personagens através das vestimentas, comportamentos e títulos das quais elas são chamadas. Como escreve Lilia Schwarcz:

Oficialmente, no país, os titulares formavam o nível mais alto da sociedade local, mas na prática, como diz João Camilo de Oliveira Torres, eram uma elite selecionada com base no mérito ou na projeção, sem privilégios ou pressupostos de bens materiais ou de vínculos à terra (Schwarcz, 1998)

Entende-se que estes títulos, não se baseava em riqueza, mas no vínculo que estes indivíduos tinham, esta elite selecionada estava ligada a realeza, como é possível observar na novela, há personagens que demonstram tais privilégios a partir de seus titulados e status os três titulados selecionados para discorrer sobre estes privilégios da nobreza são as baronesas Lourdes e Celestina e o marquês de Caxias, posteriormente duque. O marquês de Caxias, que diante da sua atuação na Guerra do Paraguai ascende ao título de Duque no capítulo 153 da obra, em cerimônia em que o imperador lhe entrega diretamente o título, demonstrando o papel de honraria e de importância destes títulos.

Imagen: Marquês de Caxias recebe o título de 'Duque'.



Fonte: Globoplay (2021).

Na imagem estão presentes deputados, em cima ao lado esquerdo em um vestido branco, está a princesa Isabel, herdeira do trono brasileiro, e ao seu lado o conde d'Eu, seu esposo, já ao lado direito diante do trono está o imperador Dom Pedro II, que está dando as honrarias ao agora duque de Caxias, que está a esquerda na parte inferior da imagem, cabelos brancos e roupas com detalhes em dourado. Todos estão prestigiando a ascensão ao de título de duque.

No livro *As Barbas do Imperador* (1998), Lilia Schwarcz explica que o título de duque tinha mais prestígio, estando abaixo apenas do imperador, maior cargo de poder na época, por conta disso, todas as homenagens e honras ao agora Duque de Caxias na cena apresentada na imagem, esta que representa a ascensão social e a importância de tal status, duque de Caxias recebe tal título de nobreza atingindo assim o segundo maior título de prestígio, mostrando o seu status de poder, conquistado após a sua atuação na Guerra contra o Paraguai que ajudou a vitória do império brasileiro, demonstrando desta forma a importância dos titulados da nobreza através da telenovela. Entretanto, também se deve destacar que o Duque tem uma relação próxima com o imperador, sendo um aliado político do mesmo. Segundo Paulo Rezzutti (2019), o imperador d. Pedro II escolheu Caxias como comandante do exército, mesmo tendo seu genro Gastão, conde d'Eu, disposto ao cargo, mostrando assim como o imperador confiava nas ações de Caxias (Rezzutti, 2019, p. 279), como

também, mesmo após o mesmo desistir do posto sem autorização e retornar ao Rio de Janeiro, ele não fora punido em tribunal (Rezzutti, 2019, p. 285), indicando assim, uma relação próxima deste com o imperador.

Ademais, outro exemplo é Lourdes, baronesa de Seropédica, antiga aia¹⁰ da imperatriz Leopoldina e ama do imperador desde o seu nascimento, a personagem também é ativa na novela *Novo Mundo* (2017), já em *Nos Tempos do Imperador* (2021) se tornou aia do monarca e amiga próxima do imperador d. Pedro II quando adulto, e também uma figura materna. No entanto, Lourdes só existiu na ficção, ela é a representação das amas e aias que o imperador tivera nos registros históricos. De acordo com Paulo Rezzutti, “A ama de leite foi a suíça Maria Catarina Equey, que já amamentara a princesa d. Pula Mariana [...]. Outra mulher importante na vida do futuro imperador d. Pedro II foi sua aia d. Mariana Carlota de Verna Magalhães Coutinho (Rezzutti, 2019, p. 36)”. Diante disto, se percebe que Lourdes é uma representação destas mulheres da não ficção. Ainda mais segundo Paulo Rezzutti:

[...] d. Pedro convidou d. Mariana para ser aia do bebê. Esse era o maior posto na educação de uma criança na época. [...] D. Mariana era considerada, tanto na antiga corte de d. João quanto na de d. Pedro I, uma mulher virtuosa, piedosa, de grande energia, doce de inabalável retidão de caráter (Rezzutti, 2019, p. 36-37).

O escrito de Paulo Rezzuti informa que o imperador Dom Pedro I convida diretamente Dona Mariana para ser aia do príncipe herdeiro, Dom Pedro II, demonstrando a relevância do papel destas mulheres nobres dentro da corte imperial, logo, percebe-se a importância do papel da baronesa Lourdes dentro do palácio e na vida do imperador.

¹⁰ Segundo o site Priberam Dicionário, aia refere-se a uma dama de companhia, empregada de quarto ou camameira (Priberam, c2025. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/aia>).

Imagen: Lourdes a esquerda do imperador.



Fonte: Globoplay (2021).

A baronesa está presente no cotidiano do palácio ao decorrer dos episódios, sempre servindo ao imperador e as princesas, também os protegendo prezando pela reputação da família imperial. Na novela, como ela criou Dom Pedro II desde criança, o imperador tem uma relação próxima a ela, sendo uma figura materna na vida do monarca, este que sempre a trata com cordialidade. A telenovela representa o papel de nobreza da baronesa, a partir da relevância da proximidade com a família imperial, seu papel no palácio, a antiga ama, a baronesa Lourdes, dá conselhos diretos a maior figura de poder daquela sociedade (o imperador) buscando preservar a sua imagem e a da família imperial, sempre atenta àqueles que estão ao redor do mesmo, na imagem acima, ela o alerta acerca da presença de Tônico Rocha. A corte podia representar o grupo de pessoas mais chegadas ao rei, e também os titulados, a corte estava absolutamente colada a realeza (Schwarcz, 1998), assim como demonstra essa relação próxima da baronesa Lourdes com o imperador Dom Pedro II.

Em adição, a personagem Celestina, dama de companhia da imperatriz e também com o título de baronesa, braço direito da imperatriz Tereza Cristina, é mais uma representação da nobreza na teledramaturgia. A personagem é apresentada sempre acompanhando a imperatriz em viagens e auxiliando no dia-dia, como pentear os cabelos da imperatriz, ajudar no cardápio do palácio, e até aconselhar a imperatriz

sobre criação das princesas Leopoldina e Isabel, com concelhos matrimoniais, ou até mesmo no mais íntimo da realeza, como nas relações extraconjugais do imperador

Imagen: Celestina penteia o cabelo da imperatriz, enquanto lhe dá concelhos.



Fonte: Globoplay (2021).

Estar ao redor da monarquia era um lugar de prestígio, atuar dentro do palácio servindo a família real e ter acesso a vida íntima da família imperial era um símbolo de nobreza e que poucas pessoas poderiam ter o privilégio, como demonstram estas duas personagens, Lourdes e Celestina. Como escreve Lilia Schwarcz:

Além desses titulados e brasonados convivendo no cotidiano do palácio real, uma entourage selecionada ocupava cargos e exercia funções, compartilhando assim tanto das formalidades como das intimidades do imperador e obtendo por isso determinado status (Schwarcz, 1998).

Diante de tais informações, nota-se como a novela representa através destas figuras a nobreza da época e o status mais elevados que estes atores sociais detinham durante o Segundo Reinado do Brasil, através dos títulos que estes personagens detêm, o seus papéis de apoio à família real e como para eles era uma honra estar ali servindo a família imperial. Entretanto, deve ser ressaltado que ser nobre era um privilégio para poucos (Schwarcz, 1998), exemplificando, brancos e ricos ligados a família imperial. Portanto, a presença frequente destes personagens sociais e de prestígio é apresentada constantemente no enredo da trama devido ao

personagem principal da telenovela ser o imperador e a novela agregar em sua história os acontecimentos do período retratado, o segundo reinado.

2.1.1.2. A Câmara e o poder político da época

Não era somente a nobreza que desempenhava um papel de poder, como demonstra no capítulo 22, na cena em que o imperador Dom Pedro II expressa que queria acabar com a escravidão, porém não era uma decisão que cabia somente a ele, mesmo sendo o monarca a maior figura de poder, mostrando assim como o poder político dentro da corte pode ter divergências, até mesmo empatando decisões do próprio d. Pedro II. A Câmara era o centro político da época.

A Câmara seguia a mesma coloração, tendo um liberal para 110 conservadores. É esse Ministério que terá de legislar sobre questões fundamentais: o problema da estrutura agrária, o incentivo à imigração e, por fim, a espinhosa questão do tráfico de escravos (Schwarcz, 1998).

Era a câmara quem detinha poder sobre as manutenções e nas decisões políticas, tais decisões e discursões políticas também são representadas na ficção, como no caso da Questão Christie (3.3.). No capítulo 54 da telenovela, três navios brasileiros transportando mercadorias vindas da Europa são apreendidas por uma frota de navios ingleses com a justificativa de que eram navios de tráfico negreiro, o imperador vai juntamente com o marquês de Caxias para a Câmara, buscando que a situação seja resolvida, em tal ocasião, o barão de Mauá, também deputado, se dispõe para resolver a situação do Brasil com os ingleses, já que o mesmo tinha uma relação de negócios com os britânicos, mas isso resulta em uma tensão entre o deputado e o imperador, como escreve Rezzutti: “Mauá já estaria em contato com Christie, o que desgostou muito o imperador (Rezzutti, 2019, p. 262)”, demonstrando como a novela representa também estes conflitos políticos presentes na câmara, como exemplo a questão Christie, porém, de forma superficial sem se aprofundar nestes conflitos na câmara.

Já no capítulo 63, é representada a câmara de deputados discutindo um projeto para resolver a crise agrária no Brasil, o barão de Mauá diz: “Veja deputado com as terras férteis, vamos retomar a plantação de cana de açúcar e mais, incentivar o plantio de algodão e de tabaco (Globoplay, 2021)”. Diante disto, para que o projeto entrasse em vigor era necessário o apoio da maioria dos deputados, através de uma votação chegam a aprovação do projeto, representando assim, o papel da Câmara

nas decisões políticas, como na cena dissertada, a maioria vota a favor do projeto discutido. Desta forma, o que a novela procura apresentar ao telespectador que o imperador não tinha poder de decidir sozinho, apenas pelo fato de ser imperador, mas ele precisava do apoio da câmara, já que o papel da câmara era tomar decisões e discutir projetos.

Portanto, a novela traz uma representação coesa sobre o status da corte e o seu papel político e social na sociedade do período retratado, transmitindo isto ao telespectador através da atuação social destes personagens no enredo da novela relacionando a acontecimentos históricos que marcaram o Segundo Reinado e adaptando para o telespectador da atualidade.

2.1.2. Os coronéis e fazendeiros

Os coronéis, proprietários de terras e fazendeiros estão muito presentes na trama da obra ficcional que esta monografia analisa. Tônico Rocha, também chamado por coronel Ambrósio após a assumir as terras de seu pai que faleceu durante uma revolta, é o principal antagonista de Dom Pedro II, juntamente com coronel Eudoro são o estereótipo perfeito de coronéis com pensamentos patriarcal e escravistas. O poder destes coronéis na época vinha da propriedade de terras e fazendas. Segundo Leandro de Almeida e Milton César Neres de Oliveira:

“[...]dessas usinas estavam ligadas diretamente à figura de seus proprietários, intitulados de verdadeiros “coronéis”, que desfrutavam de grandes prestígios sociais e políticos não só na cidade como na região que essas fazendas se encontravam. Pois os senhores de engenhos e os usineiros detinham sobre seus empregados, e sobre os seus escravos uma grande ascendência e dominação política de modo a formar o seu grande curral eleitoral, pois os votos de seus empregados é o que mantinham e garantiam a vitória eleitoral do próprio coronel ou de seus candidatos (Almeida e Oliveira, 2019, p. 41)”.

Podendo comprar a votação e a vitória de Tônico Rocha na eleição para deputado. Como parte de seu plano para ganhar a eleição, Tônico usa escravizados fingindo que estes são homens livre e adeptos a votar, além dos trabalhadores da fazenda dele e de coronel Eudoro mostrando assim a representação do curral eleitoral que acontecia na época e como estes fazendeiros e proprietários de terras podiam manipular os votos a favor deles.

Como disserta Vitor Nunes Leal no livro *Coronelismo, Enxada e Voto: o município e o regime representativo no Brasil*, o aspecto destes poderosos

fazendeiros é o da liderança com a figura do “coronel” ocupando o lugar de maior destaque (Leal, 2012, n.p.). Os chefes políticos municipais nem sempre são autênticos “coronéis”, os advogados ou médico, se ocupam a posição do coronel, se aliam a um. Estas figuras de poder em sempre habitam o feudo (o local que construíram seu domínio), mas retornam de tempos em tempos, como uma forma de manter o domínio. O poder destas figuras está no lote considerável de votos que controlam, vindo dos seus dependentes, já que são os proprietários de terra, das plantações, do gado e do que é produzido nela (Leal, 2012, n.p.). Esta força eleitoral é que dá prestígio político aos coronéis, o curral eleitoral que está sob seu controle.

Dessa forma, pode-se compreender melhor como estes coronéis tinham um status de poder na sociedade oitocentista e demonstravam tal dominância. Ao decorrer dos capítulos da telenovela, vai se explicando de pouco a pouco sobre estas figuras. Em continuidade, Tônico Rocha e Eudoro são coronéis do Recôncavo baiano e as suas fazendas e seus ideais já são explícitos desde o primeiro capítulo da novela através de falas e dos posicionamentos políticos e pessoais que estes vilões da obra explanam. Um dos motivos para a construção destes vilões é seu empreendimento, como ainda explicam Leandro de Almeida e Milton César Neres de Oliveira:

[...] esses empreendimentos monocultores tinham na mão de obra escrava a base do sustento e do lucro dos seus proprietários, que monopolizavam todo o processo produtivo da cana de açúcar, baseados na escravidão e no trabalho dos negros (Almeida e Oliveira, 2019, p. 16).

Dessa forma, a construção do vilão da telenovela ganha mais força, já que nem todos são a favor das decisões do imperador e da Câmara de Deputados. Estes agentes sociais tinham poder e recurso para alcançar seus objetivos e permanecer com o poder nas mãos.

Imagen: Os coronéis conversam sobre a ferrovia que será construída.



Fonte: Globoplay (2021).

Além, de poder econômico, estes fazendeiros também detinham poder político, como mostra na imagem, estes homens são coronéis que estão presentes no casamento de Tônico Rocha, e ele faz um discurso sobre como as propriedades deles, as terras, podem ser afetadas com a construção de uma ferrovia, falando o porquê um deles deve representá-los na Câmara de Deputados, tudo isso não passa de interesse para ele fazer a própria candidatura a deputado da província, assim mostrando como estas figuras também tem autoridade e poder para fazer parte da Corte e “Por conta dessa elite o Brasil conseguiu adiar, por vários anos, medidas efetivas no sentido de acabar com o tráfico de escravos (Fausto, 2006, p. 185)”, já que não era interesse destes.

Portanto, analisa-se que a elite da época está muito bem representada na trama que a telenovela *Nos Tempos do Imperador* se propõe, dessa forma é possível identificar as características da elite do Segundo Reinado observando as suas falas, seus objetivos, posições políticas, entre outros aspectos, destaca-se que a elite está muito presente, já que o personagem principal é o imperador Dom Pedro II, o maior status de nobreza, e seu embate com Tônico Rocha, é disputado até a fase final da novela, já que o coronel alcança o objetivo de se tornar deputado e adentrar na Câmara de Deputados no Rio de Janeiro, assim, conseguindo mais poder.

2.2. A questão racial, a escravização e as lutas e resistências

Como explicado na seção anterior, o Império Brasileiro era um país escravocrata, onde os negros eram a principal mão de obra do país, mas não somente isso, Machado (2022) disserta que os escravos foram banalizados e os negros foram uma camada dominada, também explica sobre as barbaridades que este grupo social sofreu ao longo da escravidão. Por conta disso, para analisar esta questão na novela precisou-se entender como a novela aborda um assunto tão delicado já que se trata de uma ficção onde o objetivo é entretenimento.

2.2.1. A questão racial e a escravidão

Primeiramente, deve-se entender sobre o que foi a escravidão deste período no Brasil. De acordo com Leandro de Almeida e Milton César Neres de Oliveira:

[...] podemos afirmar que o Brasil colonial e imperial, se constituiu como uma sociedade altamente escravista e opressora. Podendo afirmar também em uma sociedade racista na medida em que negros e mestiços, escravos, libertos e livres eram tratados como seres inferiores em relação ao homem branco, ou seja, pelos senhores donos de engenhos e usineiros e coronéis da política brasileira. Por outro lado, ressaltamos que até mesmo os escravos nascidos em território brasileiro passaram e receberam esse tipo de tratamento (Almeida e Oliveira, p. 41).

Sendo assim, deve-se entender de que forma a novela aborda isto, observando as cenas, interpretando como os negros estão presentes na trama e de que forma as questões raciais estão inseridas. Desde já pode-se afirmar que a novela também buscou falar de questões que convergem com questões atuais, como a perseguição policial que a população negra sofria na época e ainda sofre, assim explica Geovana França Silva no artigo *Violência Policial: como a violência está direcionada a uma parcela da sociedade*, onde é trabalhado a criminalização dos negros desde o período colonial brasileiro e como esta parcela da população fora perseguida e martirizada desde a criação da polícia no território, como as constantes invasões na Pequena África retratadas na novela, a criminalização da figura negra, como a cena de Jorge ser acusado de roubo por uma mulher branca sem qualquer prova assim que chega ao Rio de Janeiro e a constante perseguição do policial Borges ao personagens negros da trama, estas questão nos leva a refletir sobre a sociedade atual, a novela está representando situações que aconteciam na sociedade oitocentista, porém, e repressão das elites escravistas a população, mas pode-se identificar situações da sociedade hodierna, como ainda explica Geovana França Silva, o racismo atual é uma

herança de resultado de anos de escravidão (Silva, 2024, p. 25). Portanto, deve-se entender que não se trata de apenas rotular como um anacronismo, pois deve-se compreender que é uma obra que buscou atingir o público atual, mas também há cunhos de historicidade.

Para compreender a posição dos escravizados socialmente no Segundo Reinado, pode-se observar o Recurso apresentado em 1874 à Relação do Maranhão citado no artigo *Laços de Família e Direitos no Fina da Escravidão*, escrito por Hebe Maria Mattos Castro e publicado no Livro *História da Vida Privada* (2019):

O escravo é um ente privado dos direitos civis; não tem o de propriedade, o de liberdade individual, o de honra e reputação; todo o seu direito como criatura humana reduz-se ao da conservação da vida e da integridade do seu corpo; e só quando o senhor atenta contra este direito é que incorre um crime punível. Não crime sem violação de direito (Recurso apud Mattos, 2019, p. 259).

Neste documento é possível observar como o escravizado é visto como alguém sem direito, na verdade nem é visto como um sujeito social, mas sim, como uma propriedade pertencente a um senhor e este também pode puni-lo. Como apresentado na novela a partir da relação entre o policial Borges, pessoa branca, que obriga Lupita, sua escrava, negra em posição de escravizada, a se infiltrar na Pequena África agindo como uma espiã, fingindo ser uma ex-escravizada fugida. Desta forma, a polícia da época poderia vigiar aquela comunidade negra.

Lupita daria informações sobre planos de fugas de escravizados ou possíveis revoltas, caso ela não faça o que lhe foi ordenado, o policial lhe faz ameaças de açoitá-la¹¹ constantemente. Entretanto a novela suavizou a parte de torturas, não se passa cenas que realmente mostram as covardias e barbaridades que a população negra escravizada realmente sofria, como explica Clóvis Moura no livro *Dicionário da Escravidão Negra no Brasil* (2004), onde é apresentado palavras ligadas a escravidão negra brasileira, como as torturas, açoite, chibata, mordaça, entre outras, e como também, a legislação da época aprovava tais atos perante a lei, dando direito ao homem branco de castigar a população negra. Observa-se que a novela dá indicações da presença de tais barbaridades que a população negra realmente sofria, mas

¹¹ Castigo aplicado aos escravos com bacalhau, um instrumento de chicote. Este castigo podia ser aplicado de duas formas, sendo uma delas a doméstica (particular), como exercício de poder senhorial, e jurídica, como pena estipulada pelo juiz (Moura, 2004, p. 17).

compreende-se que por se tratar e uma obra para entretenimento não há cenas explícitas.

Outrossim, os donos de fazenda e proprietário de escravizados, que tinham mais condições financeira, costumavam deixar os escravos em um alojamento chamado senzala (Souza, 2011). Estes alojamentos, não eram tão abrangentes como apresentado na cena abaixo.

Imagen: senzala da fazenda da condessa de Barral, cena do capítulo 4



Fonte: Globoplay (2021).

Na imagem observa-se uma construção alta, grande e com vários alojamentos, isso pode ser pelo fato da condessa ter uma boa condição financeira para a época, mas como descreve Souza (2011):

Durante a pesquisa arqueológica no engenho, foram escavadas duas áreas interiores das senzalas, [...]. Em ambas, foi encontrada uma camada de solo com uma espessura média de apenas sete centímetros e que concentrava todo o material encontrado. Essa camada corresponde ao nível do piso das senzalas, que era formado por terra batida. Os artefatos encontrados estavam distribuídos de forma desigual, concentrando-se em partes específicas. Na área 11, ficou evidente que essa concentração se relacionava a uma lente de fogueira, onde provavelmente os escravos que habitavam um dado cubículo se reuniam e desempenhavam um número de atividades cotidianas [...] (Souza, 2011, p. 87).

A citação não se refere a fazenda da Condessa de Barral, mas sim ao engenho de São Joaquim, porém, o objetivo é trazer a visão da senzala real de uma grande

fazenda para melhor compreender de que forma comumente eram as construções destas senzalas dos grandes engenhos da época. Não eram comumente espaçosas, como representada na telenovela, mas sim, um lugar de trabalho e também para prender os cativos, sendo também, espécies de porões embaixo da grande casa ou um espaço separado, ou nem mesmo havia um alojamento para o escravizado, como no caso da senzala apresentada por Souza (2011). Portanto, as informações trazidas por Souza (2011) nos levam a afirmar que a construção das imagens da senzala trazida pela ficção, no caso aqui, na cena da novela *Nos Tempos do Imperador* (2021), em geral não corresponde à realidade histórica.

Diante de tais condições também houveram as revoltas contra tais barbáries, já que, de tantas represálias, barbaridades e abusos, os escravizados procuravam diversas formas para adaptar-se, melhorar ou contrapor-se ao cativeiro (Ferrari, 2005, p. 1). Na telenovela, já pode ser assistido logo no capítulo 1 com a revolta do Malês, mas obra ficcional inteira terá casos de fugas representadas em seu roteiro. Jorge, um dos personagens principais, é um ex-escravizado que escapou do cativeiro, e no decorrer de sua história ele continuará ajudando a outros escravizados, que viviam da mesma forma que ele a alcançar a tão sonhada liberdade, sendo assim, este personagem representa vários escravos da não ficção, desejosos de sair da sua condição de cativos, empreendendo e incentivando fugas e participando de comunidades negros, a exemplo a Pequena África uma

região situada na Zona Portuária do Rio de Janeiro, reconhecida por sua profunda ligação a história e a cultura afro-brasileira. Esse território foi lar de muitos africanos escravizados e libertos, tornando-se um ponto de resistência cultural e social ao longo dos séculos (WikiFavelas, 2025)

Lupita, escrava de ganho do policial Borges, é uma negra que também faz o possível para sobreviver e alcançar a sua alforria. Ela ainda consegue se disfarçar na sociedade para conseguir ganhar algum dinheiro, para que assim, possa viver livre.

“[...]essas ocupações passaram a ser espaços das mulheres e das africanas. As evidências dos anúncios de fugidos não oferecem assertivas mais seguras nessa direção. Porém, é possível recuperar que, talvez fosse menos provável a fuga de mulheres ocupadas no comércio da cidade, em função de outras estratégias (como a organização comunitária e étnica dos seus espaços de trabalho), e ao mesmo tempo pouco provável de serem capturadas (daí a eficácia dos anúncios e a sua representatividade nas amostras sobre o tema) em virtude de seu conhecimento das malhas da rede urbana escravista. [...] a despeito do quadro demográfico –, mas também fosse mais difícil

capturá-las, devido a suas atuações nas ocupações urbanas (Luís Carlos apud dos Santos Gomes e Soares, 2002, p. 9-10)".

Através de dos Santos Gomes e Soares (2002), é melhor compreendido como Lupita consegue se camuflar dentro da sociedade, adentrando estabelecimentos, conseguindo dinheiro e o escondendo de Borges, para poder ter seu próprio ganho, como também, se infiltrando na Pequena África de forma astuta para ajudar Borges a encontrar os negros fugidos e a prevenir revoltas, assim, agindo com uma espiã, mas acaba sendo descoberta e decide ajudar Dom Olu e então começa a agir como agente dupla para também auxiliar nas fugas dos outros ex-escravizados fugidos e que estavam se escondendo dentro da Pequena África.

Em contrapartida, estas fugas tinham seus perigos e a novela representa também estas consequências presente na sociedade escravista, porém, de forma superficial, não mostrando as verdadeiras barbaridades e violência explicitamente cometida contra a população negra, mas deixa de formas subtendidas e quando é mostrado em cena, é de forma censurada, como o massacre aos pais de Gueba que ajudavam negros escravizados a fugir, consequentemente foram caçados e mortos, mas a novela não mostra a brutalidade na cena. Através de uma mais artística e usando de ângulos diversos e uma trilha sonora mais densa ela transmite a mensagem do que aconteceu ali, o massacre daqueles negros que buscavam liberdade. Outra forma de expor a violência e tortura é através das falas das personagens e não mostrando explicitamente nas cenas da novela.

Na Pequena África, os habitantes ajudavam outros negros a fugir da escravidão. Muitas vezes os guiando aos quilombos¹² espalhados pelo Brasil. No entanto, o plano dá errado e Baltazar e Abena, casal de negros libertos que ajudam escravizados a fugir, nunca mais retornam para a Pequena África e nem os outros homens e mulheres que estavam com eles e lutavam pela sua liberdade e escaparam. A descoberta da morte destes se dá através de Cândida, que sonha que eles foram mortos enquanto faziam a fuga e os culpados, os caçadores da mata.

¹² "Os ajuntamentos de escravos fugitivos nos denominados quilombos sempre foram uma opção para os cativos em momentos de crise ou quando almejavam uma mudança mais drástica em suas vidas. Seja de forma permanente ou de passagem, os quilombos representavam um abrigo geralmente seguro, onde o escravo fugido encontraria outras pessoas na mesma situação que a sua e poderia trocar experiências e aumentar sua rede de socialização" (Ferrari, 2005, p. 22).

2.2.2. As revoltas e a luta pela sonhada liberdade

A Revolta dos Malês¹³ foi uma revolta de negros escravizados de origens mulçumanas contra os senhores de escravos e as suas fazendas que ocorreu na Bahia em 1835 (Alvim, 1975). Os malês tinham origem da parte islâmica do continente africano, os processos contra os negros participantes constam de 5 volumes com 87 marços (Alvim, 1975, p. 2). Em adição, vale ressaltar que estes negros escravizados islâmicos chegaram a constituir a maioria dos escravos baianos (Alvim, 1975, p. 20). A revolta negra é apresentada ao telespectador no capítulo 1 da telenovela, se inicia com o ataque de negros que fugiram da escravidão e agora ajudam outros a se libertarem, colocando fogo nas plantações e atacando os capatazes do dono da fazenda.

Imagen: Cena do capítulo 1, uma representação da revolta do Malês.



Fonte: Globoplay (2021).

Na imagem, está sendo representada a Revolta dos Malês, dos quais ex-escravos fugido de origem árabes invadem a fazenda de Coronel Ambrósio, pai de Tônico Rocha ainda vivo, para libertar os escravizados da fazenda, assim eles ateiam

¹³ O termo *imalê* era usado para identificar muçulmanos iorubás em Oió, nas regiões setentrionais do Iorubo (Ilorin), e mesmo mercadores muçulmanos hauçás em Porto Novo. Cf. LAW, Robin (Org.). *Contemporary source material for the history of the old Oyo Empire, 1627-1824*. Ibadan, Nigéria: The Institute of African Studies, University of Ibadan, 1993. p. 68, 85-86. apud Cairus, 2007, p. 178.

fogo nos canaviais, libertam os escravos da senzala, porém alguns acabam sendo mortos pelos capatazes do coronel, e em um confronto e na busca por sua irmã que era escrava na fazenda de Coronel Ambrósio, Jorge acaba sendo culpado falsamente de matar o coronel, quando na verdade foi o próprio capataz do coronel quem apertou o gatilho da arma, mas quem acreditaria nas palavras de um negro ex-escravizado naquela época? José Alberto da Costa e Silva Capela no livro *A Manilha e O Libambo* (2011) explica que nas colônias americanas, “negro” e “escravo” já era visto como sinônimo, o homem branco entendia que os negros eram inferiores. Dessa forma, a palavra de Jorge não era válida para eles e nem para a sociedade escravista.

O escravizado também poderia conseguir a sua liberdade através da carta de alforria. A alforria era um documento que constava a liberdade do negro na sociedade, ou seja, ele não era mais um escravo. Com o decorrer dos avanços das leis sobre alforria, o escravizado já poderia negociar a sua carta de alforria diretamente com o seu senhor (Florentino, 2002, p. 20-21). Na telenovela isto é apresentado do ato da condessa de Barral ao entregar cartas de alforria para todos os negros escravizados que trabalhavam na fazenda que era de seu pai no capítulo 3 e também forjar uma carta de alforria para Jorge, mas com um novo nome, sendo este Samuel, assim lhe dando também uma nova identidade. Através, disso, pode-se perceber o poder do senhor sobre as decisões da vida dos seus escravos, com uma simples carta, que para muitos como Lupita era quase um sonho.

Após Jorge chegar à capital, uma mulher o olhar estranho e começa a ficar assustada, ele acaba sendo confundido com um ladrão, mas ao provar que é um homem livre ainda sim, o policial Borges deseja continuar a prisão com outra acusação, agora por vadiagem, no capítulo 4, mas acaba sendo salvo por Dom Olu, que o tira da situação, e ademais, apresenta para ela a Pequena África. Observa-se que mesmo com a posse da carta de alforria em mão, Samuel, ainda seria preso sem motivo plausível.

Mais tarde já no capítulo 13, Borges, o mesmo policial que tentara prender Samuel, forja para que Samuel seja preso de qualquer forma após presenciar ele falando em árabe, logo, acreditando que Samuel é um malê que fugiu da Bahia, assim o prende, como também, começa a perseguir e vigiar a Pequena África demonstrando a constante perseguição com a população negra mesmo que eles fossem libertos, mostrando que mesmo a parte da população negra livre, sofria criminalização.

2.3. A figura da mulher na sociedade

A mulher por muitos anos foi vista submissa, como disserta Lener (2022) as mulheres são consideradas tão inferiores e tão confinadas ao espaço doméstico, tão irrelevantes socialmente. Transmitindo o recado de como as mulheres e seus papéis como agentes sociais é visto como inferior e sem importância na sociedade dominada pelo patriarcalismo.

Maria Ângela D'Incao descreve que: “A chamada família patriarcal brasileira, comandada pelo pai detentor de enorme poder sobre seus dependentes, agregados e escravos, habitava a casa-grande e dominava a senzala (D'Incao, 2004, n.p.)”. Como demonstra a relação familiar de Eudoro e as suas filhas, Pilar e Dolores. Entretanto, no capítulo 3, Eudoro, ao descobrir que a sua filha Pilar estava fazendo um teste para conseguir ser admitida na faculdade de medicina em Salvador, o coronel chega ao local e a impede dizendo que mulher só serve para parir e zelar a família, ao Pilar lhe confrontar, ele lhe dar um tapa na face. Demonstrando o seu papel de homem com pensamento patriarcal de que mulher só deve abaixar a cabeça e obedecer, sem responde-lo.

Outro exemplo é no capítulo 41, Pilar sofre represálias após publicações em um jornal que a difama, na publicação disserta:

Quem é a primeira médica do Brasil? Maria do Pilar Cavalcante Mendes voltou ao Brasil após se formar em medicina após se formar em medicina nos Estados Unidos, seus estudos foram proporcionados pelo imperador Pedro II, um mecenas de tantos jovens talentos das artes e das ciências, o seu zeloso pai, um fazendeiro do recôncavo a colocou no convento para que ela tivesse uma formação digna, mas pilar acabou sendo expulsa por atentar contra valores morais e católicos. Ela viveu um tempo em Salvador onde se envolveu com um senhor casado que a ajudou financeiramente, mas logo perdeu a proteção que tinha e retornou a casa paterna para casar-se com o honrado noivo a quem estava prometida. Felizmente a verdade foi revelada e o digno rapaz que poderia se tornar uma vítima, rompeu o compromisso no altar. Com a honra coberta de lama o pai deserdou a filha que foi tentar a sorte na capital. O dinheiro público que poderia ser usado na educação de homens decentes em quem podemos confiar foi jogado no lixo. O que podemos esperar de mulheres decentes é que cumpram o seu papel de esposas e mães antes de qualquer outro. (Globoplay, 2021).

Analisa-se que através das falas de coronel Eudoro e do escritor do jornal, a visão na sociedade é que mulher não deve trabalhar, mas sim, ter filho e exercer seu papel como mãe e dona do lar, representa o pensamento conservador da época em

relação ao papel da mulher, demonstrando explicitamente o patriarcado dominante na sociedade da época.

Segundo Maria Ângela D'Incao, o pensamento sobre a mulher da época é:

Presenciamos ainda nesse período o nascimento de uma nova mulher nas relações da chamada família burguesa, agora marcada pela valorização da intimidade e da maternidade. Um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível (D'Incao, 2004, n.p.).

Logo, fortificando a perspectiva e a forma que o papel da mulher é compreendido apenas como mãe, que deve cuidar da família e limitado a isso, não devendo exercer trabalhos ou funções sociais fora do lar, dessa forma, evitando posturas inadequadas para a mulher recatada que a figura feminina deve ser, como o exemplo de Pilar, que por se tornar médica, começa a ser vista como mal profissional pela sociedade oitocentista.

2.3.1. A mulher e a profissão na sociedade oitocentista

Mary del Priore no livro *Sobreviventes e Guerreiras: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000* (2020), explica primeiramente, como a sociedade patriarcal se estabeleceu, mas explica no decorrer da obra como as mulheres no Brasil precisavam sobreviver em uma sociedade em que era vista como inferior, as mulheres também tinham seus deveres na sociedade, mas com variáveis, percebe-se que suas classes sociais que determinava estes deveres e quais meios de trabalhos elas poderiam exercer.

2.3.1.1. As mulheres de elite as profissões

As mulheres da elite em *Nos Tempos do Imperador* (2021), não tinham como dever somente se casar e produzir herdeiros, mas também podiam exercer de profissões. Luiza Margarida Portugal de Barros, a condessa de Barral, assume o engenho do pai após o falecimento deste. Mary del Priore no artigo *Mulheres de Açucar: vida cotidiana de senhoras de engenho e trabalhadoras da cana no rio de Janeiro, entre colônia e o império* (2008) afirma que: “Um estudo cuidadoso, certamente, revelaria mulheres comandando engenhos [...] (Priore, 2008, p. 58)”. Logo, a condessa de Barral é uma representação destas senhoras de engenhos que foram figuras mansas nos documentos de engenhos, mas existiram e partilhavam das mesmas funções dos maridos nas plantações (Priore, 2008, p. 57).

Outrossim, as mulheres da elite podiam ocupar funções como nobres, exercendo o cargo de damas da corte ou aias servindo diretamente a realeza e vivendo no mais íntimo da família imperial, como fora retratadas as baronesas Celestina e Lourdes, assim como explicou Schwarcz (1998) sobre a relevância destes nobres atuarem dentro do palácio servindo a realeza. Luiza Margarida, também se torna Dama de Palácio, através do decreto de 31 de agosto de 1856 (Francisco e Vasconcelos, 2018, p. 157). Na novela a função de preceptor, é representada a relevância deste papel, já que será ela quem irá educar e preparar as futuras governantes do Brasil, Luiza é filha do falecido visconde da Pedra Branca e esposa do Conde de Barral, relevante na corte francesa, assim como, escreve também Francisco e Vasconcelos (2018, p. 157). Ainda mais, as autoras dissertam sobre o jornal que informa a contratação da Condessa de Barral pela Corte: “destacava que ela reunia “todos” os requisitos necessários bem como os títulos desejáveis para que desempenhasse a missão que lhe havia sido confiada, enaltecendo seu parentesco (Francisco e Vasconcelos, 2018, p. 157)”. Portanto, entende-se que Luiza Margarida, era uma mulher culta e de influências francesas, mas deve-se ressaltar que a estas mulheres tinham acesso à educação por serem de famílias ricas.

2.3.1.2. As mulheres pobres: livres, libertas ou escravizadas

As mulheres não podiam se tornar médicas, mas poderiam se tornar parteiras (Arévalo, 2022). Em *Nos Tempos do Imperador* (2021), Pilar uma das protagonistas da trama, filha do coronel Eudoro que fugiu para não se casar com Tônico, antes de se tornar médica, que era o seu sonho, precisou encontrar outras formas possibilidades, já que na sociedade oitocentista mulheres eram proibidas de estudar medicina, então decide se inscrever na escola de parteiras, não era seu sonho, mas se aproximava deste. Segundo Esneyder Isait Manjarrez Arévalo:

Para ter uma licença especial para o ofício de parteira, não era tão simples, a aspirante tinha que comprovar suas habilidades e destrezas creditadas através de documento expedido pelo físico mor da localidade onde morava (Arévalo, 2022, n.p.).

Somente desta maneira, uma mulher poderia atuar como parteira, mas Arévalo explica que estas mulheres mesmo com licença ainda encontravam dificuldade nesta área dominada por médicos homens. Desta forma, através do desenvolvimento da personagem, que tem um pensamento diferente da sociedade patriarcal da época, é apresentado a dificuldade destas mulheres em se tornarem parteiras, já Pilar sempre expressa tal dificuldade nas provas e como precisa-se de esforço.

Já outra área de trabalho do século XIX apresentada na novela, é o trabalho doméstico. Para compreender como a novela, que esta pesquisa analisa, representa o papel de criadas domésticas, se escolheu a personagem Justina, em primeiro momento, cativa da condessa de Barral. De acordo com Flavia Fernandes de Souza “No período imperial a escravidão permaneceu como prática aceita e utilizada em diversas camadas sociais, e como fenômeno disseminado nos espaços urbanos (de Souza, 2012, p. 245.)”. uma das formas de trabalho escravo, eram os trabalhos realizados dentro da residência do senhorio, o chamado trabalho doméstico¹⁴, Justina exerce esta função na residência da condessa. Ademais, a condessa concede a carta de alforria para Justina, porém, ela decide continuar trabalhando como criada doméstica na casa da condessa, como explica Joana de Moraes Monteleone:

Na época, os criados domésticos em casas e sobrados urbanos se multiplicaram. Se para os homens pobres livres viver de pequenos serviços temporários era uma maneira de sobreviver, para as mulheres livres pobres tornar-se uma criada era uma maneira de conseguir alguma maneira estável de viver, com abrigo, roupas, comidas e, eventualmente, remédios, fornecidos pela patroa (Monteleone, 2019, p.2).

Continuar trabalhando na residência de seus antigos senhorios era uma forma de sobreviver, já que estas mulheres não tinham amparo, e precisavam encontrar formas para sobreviver, como Justinha que expressa não ter para onde ir quando a condessa lhe concede a alforria, mas lhe também oferece o emprego de doméstica, assim Justina passa a ser assalariada pelos seus serviços e continua na casa da condessa.

Outras atividades profissionalizadas foram as de lavadeira e costureira. Em primeiro momento estas atividades realizadas por mulheres cativas eram valiosas, as lavadeiras, costuravam, lavavam e passavam as roupas (Monteleone, 2019, p. 4). Posteriormente, de acordo com Joana de Moraes Monteleone: “O pagamento por essas tarefas domésticas, com o passar do século XIX e o fim do tráfico [...], profissionalizou-se. Ou seja, esses serviços passaram a ser passíveis de recebimento de salário. (Monteleone, 2019, p. 4)”. Na novela estas funções são exercidas por duas

¹⁴ O trabalho doméstico era constituído das mais variadas atividades, lavadeiras, cozinheiras, babas, amas de leite, mucamas e etc, configuraram uma estrutura social de trabalho diversificada, algumas trabalhavam em troca de casa e comida, outras teciam relações de contrato de trabalho que em muitos casos estabelecia prestações de serviços diárias ou mensais, que estavam pautadas na informalidade e nos laços de favor ou compadrio (de Paula Pereira, 2011).

personagens em diferentes momentos da trama. Primeiramente, por Abena, mulher negra e moradora da Pequena África, para ajudar no sustento da família, ela trabalha como lavadeira, era uma atividade muito comum, como explica Monteleone, (2019): “Lavar roupas era um negócio no século XIX, não apenas no Brasil; uma profissão que concentrava principalmente mulheres pobres, que trabalhavam em conjunto. As lavadeiras faziam parte da paisagem das cidades (p. 6)”. Já em segundo momento, podemos observar Zayla, que após ser rebaixada da função de costureira, se torna lavadeira. Para entender melhor o porquê “rebaixada”. Joana de Moraes Monteleone também explica que:

Cuidar das roupas, costurá-las, remendá-las podia também ser um pequeno negócio, no século XIX. Com o tempo, as lavadeiras e costureiras tiveram seus ofícios separados. Se por algum tempo ambas as profissões podiam andar juntas (mas isso não acontecia sempre) e as lavadeiras também faziam pequenas costuras e remendos, com a invenção da máquina de costura esse quadro vai mudar drasticamente. Ao longo do oitocentos, as costureiras vão ver seu ofício se especializar. (Monteleone, 2019, p. 6)

E era isto que Zayla estava fazendo antes, no desenvolvimento da personagem ela se interessa pela costura e se torna aprendiz da modista Madame Lambert, desta forma vai desenvolvendo os seus dons e aperfeiçoando os seus vestidos almejando se tornar uma modista. Portanto percebe-se que a telenovela trás estes diferentes momentos da profissão de lavadeira e esta divisão entre lavadeira e costureira na sociedade oitocentista.

O trabalho da mão de obra escrava feminina também é abordado, e há duas profissões exercidas por escravizadas ou até mulheres negras livres, mas que não foram mais trabalhadas e desenvolvidas em personagens que ganharam destaque na novela, como outras profissões. Estas profissões são apresentadas na novela de formas mansas, em cenas rápidas e sem personagens relevantes para o enredo da novela. A primeira é o trabalho escravo feminino nos engenhos. os escravos estavam sujeitos à mercantilização de seus corpos, entendidos como propriedade para exploração do trabalho (Pinheiro e Maia, 2017), na verdade a principal mão de obra da época era a escrava, durante mais de três séculos, o Brasil utilizou a mão de obra escrava em larga escala, como na agricultura (Rezende, 2019, p. 239).

A novela, faz estas representações através das personagens coadjuvantes ou em formas de figurantes, é possível vê-las, por exemplo, no episódio 16 e também nota-se a diferenças em suas vestimentas, sendo as roupas dos escravizados que

trabalham em casa são mais bem vestidas, enquanto os da senzala sempre são retratas roupas rasgadas ou mais simples, isso também se reflete nas mulheres cativas, outro exemplo, são os cativos que foram adquiridos pelos personagens Lota e Batista, no capítulo 19 mostra eles trabalhando nas lavoura, na terra que Lota e Batista invadiram. As mulheres cativas sempre aparecem nestas cenas juntas com os cativos, mas deve refletir que sempre são figurantes que desempenham estes papéis. Assim como, as quitandeiras¹⁵, em primeiro momento, a novela trás Lupita como representação destas quitandeiras. Dos Santos Gomes e Soares escrevem que as quitandeiras podiam ser mulheres livres ou escravas. Entretanto, a cultura destas quitandeiras não é apresentada de forma mais branda ou explicativa na novela, a maior da aparição delas é ao fundo no cenário da cidade de forma mansa, precisando parar o episódio para observar alisar o cenário para compreender e entender que ali estão elas.

2.3.2. O papel da mulher no casamento

O casamento entre famílias ricas e burguesas era usado como um degrau de ascensão social ou uma forma de manutenção do status (D'Incao, 2004). Assim, destaca-se como o casamento é um negócio para as famílias de boas condições financeiras, logo, o casamento arranjado é discutido na novela e estes personagens aceitam como um dever que deve ser honrado. Exemplos, o casamento do imperador Dom Pedro II e a imperatriz Teresa (3.2.2.), no enredo o monarca sempre deixa claro o motivo de estar casado com a imperatriz, mas ele se apaixona verdadeiramente por Luísa, a condessa de Barral, e vive um romance extraconjugal com a mesma, mas permanece no dever de seu casamento.

Ainda na família imperial, as princesas Leopoldina e Isabel, discutem entre si sobre nem ao menos saberem como é o rosto de seus futuros noivos, mas Isabel já aceitara o dever de se casar, pois é a herdeira do trono, algo comum na sociedade oitocentista já que “A nossa sensibilidade, digamos assim, moderna, civilizada, repugna e constrange pensar que muitas das mulheres do passado foram conhecer seus maridos no dia do casamento (D'Incao, 2004, n.p.)”.

¹⁵ Podemos afirmar que a quitanda é uma invenção social dos povos bantos da África Central, que sofreu mutações na diáspora atlântica, mais especificamente no Brasil, com duas diferenciações básicas: na África a quitanda é um ofício exclusivamente feminino, como bem mostra Selma Pantoja [...]. (dos Santos Gomes e Soares, 2002, p. 8)

Já logo no primeiro capítulo da telenovela, o casamento ser tratado como um negócio é representado, assim, o capítulo apresenta o Coronel Ambrósio e o Coronel Eudoro acertando o casamento de seus respectivos filhos, Tonico e Pilar, e mesmo com a morte inesperada de Ambrósio, Tônico continua a querer manter que a proposta de casamento não seja desfeita, e também quer que este casamento aconteça logo, já que, deseja o apoio de Eudoro para se candidatar ao cargo de deputado da província, já Eudoro através do casamento deseja pagar uma dívida que tinha com o falecido coronel Ambrósio. No capítulo 4, Eudoro chega até mesmo a dizer que sua filha “só sai de casa casada ou morta! (Globoplay, 2021)”. Como também, escreve Maria Ângela D’Incao: “É certo que os relatos dos cronistas, viajantes e historiadores do período nos exibem um quadro em que a menina ou a mulher candidata ao casamento é extremamente bem cuidada, é trancafiada nas casas etc. (D’Incao, 2004, n.p.)”.

Ao flagrar Pilar tentando fugir para não se casar ele expressa: “Tu não tem que querer, tu tem que obedecer como qualquer mulher! (Globoplay, 2021)” e quando ela finalmente foge da casa do pai, ele declara que Pilar nunca mais pisa na casa dele por desonra-lo de tal forma. Em seguida no capítulo 5, mesmo com algumas divergências Tônico consegue o apoio dele na candidatura, mas pede Dolores, filha mais nova de Eudoro, que é apenas uma criança em casamento, e também fala sobre o preço do açúcar que despenca o que pode prejudicar o coronel Eudoro, então ele aceita o casório, como se a filha fosse uma moeda de troca (Globoplay, 2021). Como escreve também Maria Ângela D’Incao: “[...] sempre foi a garantia do sistema de casamento por aliança política e econômica (D’Incao, 2004). Algo que, é representado na novela através deste enredo construído sobre estes personagens da ficção, mostrando como o casamento servia como um negócio onde a mulher não devia opinar e nem se opor.

Portanto, percebe-se que a novela *Nos Tempos do Imperador* (2021) representa o pensamento conservador e patriarcal do período estudado de forma coesa, não deve-se esquecer o fato de ser uma obra com o objetivo de entreter o público atual e que no decorrer dos episódios suas personagens tem pensamentos mais liberais e buscam seus direitos de estudar ou de viver a sua independência.

3. O ESTADISTA DOM PEDRO II ATRAVÉS DA TELENOVELA

Este capítulo tem como intuito fazer a análise sobre a representação da figura e da atuação política do imperador do Brasil Dom Pedro II (1825-1891) através da telenovela *Nos Tempos do Imperador* (2021) buscando compreender como a ficção abordou temas, como ações políticas para preservar a imagem da família real e conflitos políticos enfrentados pelo monarca, tento como principal base historiográfica Rezzutti (2019) e Schwarcz (1998). Ademais, este capítulo está divido em cinco subtópicos, sendo estes respectivamente: Quem foi o imperador Dom Pedro II na História do Brasil (3.1.); A família imperial na telenovela e o seu papel político (3.2); O imperador na Questão Christie através da telenovela (3.3); O imperador na Guerra do Paraguai através da telenovela (3.4.)

3.1. Quem foi o imperador Dom Pedro II na História do Brasil

Dom Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga foi o segundo e último imperador do Brasil. Nascido no dia 2 de dezembro de 1825, filho de d. Leopoldina e d. Pedro I, e neto de d. João VI, imperador de Portugal, o menino foi deixado para se tornar imperador após a abdicação do pai, mas assumiu realmente o poder aos 14 anos em um ato que ficou conhecido como golpe da maioridade em 1840, assim, governando até o ano de 1889 com a Proclamação da República Brasileira (Rezzutti, 2019).

Dom Pedro II durante o seu reinado ficou conhecido como um monarca que incentivou a modernização, a economia e a educação no país, como também enfrentou períodos de conflitos internos e externos, sendo um dos principais a guerra contra o Paraguai.

3.1.1. O personagem Dom Pedro II

Dom Pedro II, aparece nas novelas pela primeira vez na telenovela *Nos Tempos do Imperador*, e para dar vida a esta figura histórica o ator Selton Mello, renomado ator brasileiro, foi escolhido e caracterizado para ficar similar a aparência do monarca como demonstra a imagem abaixo. Segundo o site Gshow¹⁶, da Rede

¹⁶ Link: <https://gshow.globo.com/novelas/nos-tempos-do-imperador/noticia/selton-mello-analisa-os-desafios-de-interpretar-dom-pedro-ii-nao-e-tarefa-facil-mas-estou-tentando.ghtml>.

Globo, o ator fez uso de lentes de contato azuis, deixou a barba crescer, pesquisou quais tons de voz poderia utilizar para dar a vida ao personagem.

Imagen: Dom Pedro II e Selton Mello.



Fonte: Gshow.

Selton Mello também demonstra a importância de interpretar Pedro II e o peso de aceitar o papel, como demonstra na entrevista disponível também no site, Gshow, onde expressa o seguinte:

A minha maior motivação de voltar às novelas foi, sem dúvida, a chance de dar vida a Dom Pedro II, um dos personagens mais importantes da história do Brasil e que nunca foi interpretado por nenhum outro ator. Tenho a responsabilidade e a alegria de fazê-lo pela primeira vez, sem comparações, humanizando esse homem tão rico de história e de possibilidades (Gshow, 2020).

Diante da fala do ator pode-se perceber o peso e a relevância de interpretar Dom Pedro II e também a importância do imperador na história do Brasil. Selton Mello, na mesma entrevista, explica também como precisou pesquisar para que assim pudesse entender e dar a vida ao personagem, lendo livros sobre a temática e também

conversando com historiadores da área, podendo assim entender a relevância do personagem ser bem retratado na telenovela. Dom Pedro II será um dos protagonistas da obra ficcional que este trabalho analisa e os feitos político do imperador na história do Brasil serão representados ao decorrer do enredo.

3.2. A Família Imperial Na Telenovela e O Seu Papel Político

A família imperial representada na telenovela *Nos Tempos do Imperador* (2021) foi analisada neste trabalho com o intuito de cumprir com o seu objetivo e compreender a figura e o papel político do imperador, pois, se falar de política em um período monárquico, é falar da Corte e principalmente do imperador e dos outros membros da família imperial, sendo estas a imperatriz e as duas princesas do Brasil, Isabel e Leopoldina.

Para entender como funcionava o poder político durante a monarquia deve-se falar acerca da constituição de 1824, outorgada por Dom Pedro I no dia 25 de março de 1824, atualmente disponível no site do Governo Federal. Nela, o imperador e o conselho estabeleceram que o poder brasileiro seria uma monarquia hereditária e constitucional. O Brasil fora dividido em quatro poderes, um deles sendo o poder Moderador, exercido pelo próprio imperador, que poderia decidir diretamente nos outros três poderes.

Já sobre a sucessão do Império, a constituição determina que:

Sua Descendencia legitima succederá no Throno, Segundo a ordem regular do primogenitura, e representação, preferindo sempre a linha anterior ás posteriores; na mesma linha o grão mais próximo ao mais remoto; no mesmo grão, o sexo masculino ao feminino; no mesmo sexo, a pessoa mais velha é mais moça (Brasil, 1824, Título VI, Art. 117).

Logo, entende-se que na linha de sucessão, o filho mais velho tem prioridade, os filhos do gênero masculino têm prioridade, caso houver apenas mulheres, a mais velha terá prioridade na fila de sucessão ao trono. A ascensão de Dom Pedro II ao trono, se deu após a abdicação de seu pai, Dom Pedro I, em 7 de abril de 1831, onde também os seus descendentes só souberam dois dias depois do ocorrido, e o menino imperador, Pedro de Alcântara, agora sucederia seu pai, sendo apresentado em uma carreata, ainda menino, foi posto em uma carruagem de gala e apresentado ao povo como o novo imperador, o menino só sabia chorar e era acalentado pela aia

Dona Mariana (Rezzutti, 2019, p. 60). Na novela o personagem de Dom Pedro II, relembra este triste dia para ele, mas quem o acompanhava era a aia Lourdes.

Neste referido período que esta pesquisa analisa, a filha mais velha que deverá assumir o trono brasileiro e suceder Dom Pedro II, é a princesa imperial Isabel, e atrás dela na linha de sucessão, a princesa Leopoldina, já que os dois filhos meninos que o imperador teve com a imperatriz Teresa Cristina faleceram precocemente. Assim, a educação das princesas que um dia deverão suceder o imperador, é uma preocupação política e uma questão a ser debatida em Assembleia, envolvendo também complexas negociações (Francisco e Vasconcelos, 2018).

3.2.1. A criação das princesas

A preocupação de Dom Pedro II com a criação das princesas do Brasil é abordada na primeira parte da novela, já retratando a busca por uma preceptora adequada e digna para a educação das princesas do Brasil. Já no primeiro episódio da telenovela, o imperador demonstra a sua preocupação com a criação das princesas e como a sua herdeira na linha de sucessão, Isabel, deve estar preparada para lidar com homens no futuro (Globoplay, 2021), como foi analisado no subtópico 2.3, que fala acerca da figura da mulher na sociedade, as mulheres eram vistas como inferiores aos homens, por isto tal preocupação do monarca é válida por conta de o poder político da época estar centrado majoritariamente na mão de homens.

O imperador procura uma perceptora a altura das princesas, assim, encontra Luiza Margarida, a condessa de Barral, essa busca pela perceptora é uma preocupação séria do imperador, mas é rápida na telenovela, ao contrário do que foi retratado por Ana Cristina B. López M. Francisco, e também, Maria Celi Chaves Vasconcelos no artigo *Luiza, Isabel e Leopoldina: uma história de mulheres, nobreza e educação (1856-1864)*. Segundo estas autoras citadas, a contratação foi algo mais relevante politicamente, como escrito no trecho:

Num primeiro momento, são descritas as tratativas de contratação da, então, viscondessa de Barral para atuar como preceptora das duas meninas nobres que poderiam, um dia, vir governar o Brasil, demonstrando a importância que essa incumbência tinha para o imperador, tornando-se um assunto de estado e sendo planejado com muitos detalhes acordados entre ambas as partes, o monarca contratante e a viscondessa preceptora (Francisco e Vasconcelos, 2018, p. 150).

Através deste trecho, comprehende-se que ao se tratar das princesas do Brasil, a busca pela perceptora se torna um assunto estatal, ou seja, político, pois a criação das meninas na linha de sucessão do trono, precisa-se ser adequada para as princesas que poderão ser as futuras governantes da nação, entende-se que elas precisam ser moldadas e criadas para governar.

No capítulo 5 da novela, as princesas demostram a sua satisfação e também admiração pela nova preceptor, Luiza Margarida, que na época já detém o título de condessa de Barral, falando a quanto elegante e encantadora a condessa é, como já explicado no tópico (2.3) a condessa era considerada uma mulher muito culta. O papel do imperador na educação das princesas, era decidir diretamente nos métodos de criação delas, o que seria mais adequado, como também, o imperador quem deu o aval final, sendo a preceptor uma recomendação de sua irmã Francisca, princesa de Joinville, pois, casou-se com o príncipe de Joinville da França. A irmã do imperador conheceu Luiza na Corte francesa, a julgando a mais adequada no Brasil e na Europa para educar as princesas, assim o imperador inicia as negociações com a futura perceptora das princesas através de cartas, o que dura ainda algum tempo até ser realmente acordada pelas duas partes (Rezzutti, 2019).

Na telenovela o imperador da carta branca para que a condessa decida o melhor para a criação de suas filhas, deixando evidente a relevância de tal tarefa, logo, a condessa atende as suas expectativas, aplicando uma educação rígida as princesas, o que incomoda a imperatriz Teresa Cristina. Francisco; Vasconcelos (2018) ainda discorre que:

[...] por determinação de D. Pedro II, a educação da princesa Isabel, “deveria ser a mesma dispensada aos homens daquela época, mas aliada à das mulheres, que visava ao desempenho das atividades domésticas e ao bom comportamento nos salões”. À Leopoldina foi dispensada a mesma atenção, inclusive curricular, tendo em vista que, na falta da irmã mais velha, a filha caçula passaria a ser a herdeira do trono. (AGUIAR, 2015 apud Francisco e Vasconcelos, 2018, p. 157-158).

Ao atribuir tais funções o imperador demonstra a sua preocupação com as suas sucessoras, era de suma importância a preparação delas. A representação desta preocupação em formar as futuras líderes do Brasil, é feita no capítulo 8, A imperatriz, vai informar ao imperador a sua preocupação com suas filhas por achar a rotina delas, rígida demais, mas o imperador expressa: “Elas não são suas filhas! Não são duas crianças, são duas princesas. E uma delas irá me suceder. [...] Isabel irá me suceder.

Ela tem que se preparar para governar. Não pode ficar atrás da educação que os homens recebem (Globoplay, 2021)". Ainda mais, que o imperador passou o mesmo na infância, indicando que as princesas devem ser preparadas assim como ele foi. Diante disto, pode-se analisar como a telenovela transmite esta preocupação de Dom Pedro II em preparar as filhas que um dia poderão sucedê-lo, que um dia poderá a vir governar a nação e devem ser preparadas para o cargo de monarca, maior cargo de poder da época, como apresentado na constituição de 24, assim sendo uma preocupação de Estado.

3.2.2. Casamentos arranjados com intuito político

Casamentos como citado anteriormente (2.3.2. O papel da mulher no casamento), entre as famílias de elite eram tratados como um negócio, e usado como degrau ou manutenção de status (D'Incao, 2004). No entanto, quando se trata da família imperial é também uma questão de política, envolvendo discussões de Estado, devendo ser aprovado pela câmara, para a manutenção do poder da Coroa Brasileira, mas não só isto, também trata-se de relações internacionais, como apresentado por Paulo Rezzutti (2019), o casamento de Dom Pedro, foi um arranjo discutido pelos embaixadores e membros da corte, levando as buscas para encontrar a melhor esposa que também tivesse uma linhagem adequada, ou seja, parte da alta nobreza. Teresa Cristina era princesa do Reino das duas Sicílias e tinha parentesco com o imperador¹⁷, ambos tendo a linhagem Bourbon quanto da Habsburgo, ou seja, seria um negócio vantajoso e uma manutenção de status entre suas linhagens.

Dom Pedro II na trama ao se apaixonar pela Condessa de Barral, sempre expressa como não é um homem livre e como precisa manter as suas obrigações com a Coroa, assim, como a imperatriz Dona Teresa Cristina, que demonstra em alguns momentos a infelicidade com o casamento, este tal dever é representado na teledramaturgia que esta pesquisa analisa no episódio 8. O imperador e a imperatriz discutem, por ela não sentir que a sua opinião é levada em consideração quando se trata da criação das princesas, Rezzutti (2019) escreve que: "[...] d. Pedro II teria pedido a ela que se dedicasse a dupla missão de ser mãe e esposa. Ela nunca deveria indagar sobre política, [...] (p. 160)". Após tal discussão, o mordomo Nicolau e a aia Lourdes, comentam sobre estes deveres que tanto o imperador e a imperatriz

¹⁷ A avó materna do imperador, d. Carlota Joaquina, era irmã da mãe de d. Teresa Cristina (Rezzutti, 2019, p. 148).

precisaram seguir. Lourdes expressa: “Não consigo deixar de sentir pena dele, a vida negou tudo a Pedro. Uma criança sem infância, sem os pais, sem liberdade, um casamento arranjado (Globoplay, 2021)”. Demostrando este dever de Dom Pedro II com a posição que ocupa, assim como a imperatriz, quando Nicolau rebate a aia: “Tenho pena também de Dona Teresa, esses acordos nupciais, são sempre uma tragédia (Globoplay, 2021)”. Representando desta forma, como o casamento entre os monarcas é um acordo, e que também, não foram eles que escolheram seus respectivos conjunges, mas que devem cumprir com os seus deveres.

Na telenovela os casamentos das princesas do Brasil, também se tornam parte da trama. No entanto, são adicionadas algumas alterações para gerar conflitos para o telespectador, já que ao se tratar de uma obra ficcional, intuito é atrair com um enredo mais dinâmico e empolgante, desta forma, tornando mais atrativo para o público atual.

Os casamentos das princesas se tornam pauta da teledramaturgia a partir do capítulo 43, onde a princesa Isabel é pedida em casamento por Pierre, personagem inspirado no príncipe francês Pedro de Orléans¹⁸. Entretanto, o imperador intervém, não o julgando adequado, porém Rezzutti (2019), explica que o monarca tentou fechar um acordo de casamento entre a princesa e Isabel e o príncipe francês, o que poderia ser benéfico para a monarquia brasileira, mas o príncipe negou.

A preocupação do imperador em casar as princesas tinha também o intuito de estocar herdeiros ao trono tropical dos Bragança, assim abre as portas definitivamente para negociações no primeiro registro sobre o assunto, Dona Isabel tinha apenas 9 anos de idade (Rezzutti, 2019, p. 243) Já na novela, a decisão ocorre durante o capítulo 47, o imperador decide definitivamente casar as duas princesas, ambas já adolescentes, e tem como objetivo trazer dois pretendentes para o Brasil, mas dá a importante tarefa de encontrar os pretendentes adequados para a condessa de Barral e a imperatriz Tereza Cristina. É importante observar que no período histórico da pesquisa em questão, em geral, as mulheres casavam-se em tenra idade, ou seja, ainda muito jovens, adolescentes, em uma fase de puberdade, como um dos objetivos a procriação.

Já no capítulo 50, Tereza diz que a filha precisa do apoio de um bom príncipe consorte, como também, informa que enviou uma carta para a família de Augusto de Saxe-Coburgo e o imperador comenta que a condessa também enviou uma carta para

¹⁸ Filho de Dona Francisca, princesa de Jonville e irmã de Pedro II (Rezzutti, 2019).

a família de Gastão de Orléans, assim decide que ambos podem tentar desposar a princesa imperial, Isabel, e se o outro for também digno, poderá tentar desposar a princesa Leopoldina. O que causa uma indignação por parte da princesa mais nova, pois terá que ficar com o que a irmã rejeitar.

No entanto, quem são os principais encarregados de ajudar o imperador de acordo com as fontes históricas, é a madrasta do imperador e imperatriz de Portugal, Dona Amélia, como também, a irmã, Dona Francisca, a princesa de Joinville, e até mesmo o príncipe de Joinville, cunhado do imperador, auxiliou nas buscas pelos pretendentes ideais para as princesas, assim, chegando aos pretendentes também representados na novela, Augusto de Saxe-Coburgo-Gota¹⁹ para Dona Isabel e Gastão²⁰, o conde d'Eu, para Dona Leopoldina (Rezzutti, 2019). Este capítulo nos leva a pensar que o objetivo de casar as filhas em idade 'adequada' nessas famílias da nobreza brasileira, era uma engenharia política de toda a família que se envolve em busca dos pretendentes que atendessem aos seus interesses.

Ainda mais, na novela os príncipes e as princesas demoram até finalmente ser definido os casais. Ambos os príncipes creem que se casarão com a herdeira do trono, Isabel, já Leopoldina não aceita se casar de forma alguma com alguém que não ama, isso acarreta em complicações e conflitos. De acordo com Paulo Rezzutti, Dom Pedro foi influenciado em sua decisão para definir o príncipe que se casaria com a herdeira do trono partiram do príncipe de Joinville e Dona Amélia, que utilizaram a influência da condessa de Barral (Rezzutti, 2019, p. 248). Na trama, a mãe de Augusto não aprova o casamento com a princesa Leopoldina por se sentir desrespeitada já que acreditava que o filho se casaria com a herdeira do trono, como também, a princesa Isabel não gosta de a câmara ter que aprovar o casamento dela.

Portanto, a preocupação política do casamento das princesas é representada na trama, porém, ao se tratar de uma obra de ficção, envolve alguns conflitos românticos para tornar mais atraente ao telespectador, buscando mostrar mais as princesas preocupadas com o amor estar envolvido em suas relações conjugais, principalmente com a princesa Leopoldina, em quem desenvolvem um conflito interno por ver sua irmã, a princesa imperial do Brasil, ser tratada com mais prioridade em seu casamento, mas mesmo com os conflitos agregados a trama ficcional, ambas as

¹⁹ Sua mãe, Clementina, irmã do príncipe de Joinville, se casou com o príncipe Augusto de Saxe-Coburgo-Ghota, uma das maiores fortunas do império Austro-Húngaro (Rezzutti, 2019, p. 247).

²⁰ Filho do duque Némours, irmão de Joinville (Rezzutti, 2019, p. 247).

princesas casam-se com seus respectivos pretendentes assim como nas fontes bibliográficas, mostrando que o teor histórico manteve-se na teledramaturgia.

3.3. O Imperador Na Questão Christie

Segundo Richard Graham em seu texto *Os Fundamentos da Ruptura de Relações Diplomáticas Entre O Brasil E A Grã-Bretanha em 1863* (1962), a Questão Christie começou no ano de 1861. Seu início foi causado pelo naufrágio do navio pertencente a marinha britânica, *Prince of Wales*. Ainda mais, o Brasil já sofria a pressão inglesa pelo fim do tráfico negreiro. Por conta disto, o Brasil assinou um acordo, mas isso causou tumulto entre os brasileiros que alegavam que nenhuma outra nação tinha o direito de decidir sobre a sua propriedade. A estadia do britânico Christie, por conta de suas intromissões na política brasileira, trouxera muitas reclamações por parte dos políticos brasileiros (Graham, 1962, p. 122). A novela *Nos Tempos do Imperador* (2021), faz a representação deste conflito político entre o Brasil e a Inglaterra englobando ao seu enredo e também fazendo algumas adaptações.

O naufrágio do navio *Prince of Wales*, foi o primeiro incidente que levou a ruptura das relações entre Brasil e Inglaterra. As relações econômicas envolvendo o Brasil a Inglaterra já começa desde seu processo de Independência, como também, incontáveis empréstimos (Graham, 1962. p. 118). Em continuidade, segundo Lilia Schwarcz: “William Dougall Christie, representante da Inglaterra na corte brasileira de 1860, criou vários impasses diplomáticos durante sua estadia no país (Schwarcz, 1998)”. Sendo um causador para uma relação ainda mais tensa entre o Brasil e a Inglaterra.

3.3.1. O naufrágio do navio *Prince of Wales*.

O naufrágio da embarcação inglesa foi explorado ao máximo pelo embaixador Christie. Um pouco mais de ano após o naufrágio, o embaixador enviou uma carta para o governo inglês alegando o seu nervosismo e incitando a incompetência por parte do governo brasileiro para investigar o incidente, e tratando isto como um insulto a Coroa inglesa (Graham, 1962, p. 127).

A representação destas tenções por conta dos planos traiçoeiros de Christie em incitar este conflito entre Brasil e Inglaterra, na novela, começam com as articulações do embaixador inglês com o personagem Tônico Rocha, deputado e principal antagonista da telenovela. Os dois buscam juntamente prejudicar o

imperador Dom Pedro II, trazendo para ele esta instabilidade política com intuito de acabar com o governo e o prestígio do monarca.

De acordo com Robert Graham, para atender à solicitação do Governo inglês, a justiça brasileira começou a agir instaurando um inquérito, convoca testemunhas e acaba chegando à conclusão de que houve saque da carga inglesa que chegou à costa após o naufrágio. No entanto, o que piora este incidente é a suposição que foi feita e usada por Christie como pretexto para aumentar ainda mais a tensão entre os dois governos. O embaixador alega que os oficiais que chegaram à margem podem ter sido assassinados pelos ladrões da carga do *Prince of Wales* (Graham, 1962, p. 130). O governo inglês concorda que houve negligência por parte do governo brasileiro, e também, com a suposição dos assassinatos de seus oficiais que estavam no naufrágio. O embaixador Christie compra a versão do cônsul inglês, pede respostas das autoridades brasileiras, mas também, exige uma indenização e um pedido de desculpas do Brasil (Rezzutti, 2019, p. 259).

Na telenovela, Christie pede a indenização diretamente ao imperador, que nega a solicitação do embaixador, com a ameaça o inglês consegue que a Inglaterra coloque sanções contra o Brasil. Logo, o próximo passo de Christie e Tônico é colocar os fazendeiros brasileiros contra o imperador, o culpando pelas sanções inglesas já que o mesmo se nega a responder as exigências do embaixador inglês. Em decorrência disto, o deputado Tônico consegue publicar jornais com intuito de acabar com a reputação de Dom Pedro.

Na cena do capítulo 50, o imperador ler os seguintes títulos dos jornais: “Embaixador coloca imperador contra a parede; Produtos Brasileiros Encalham no Porto; Dom Pedro Nega Indenização e Brasil Sai Prejudicado; Inglaterra Responde com Boicote (Globoplay, 2021)”. Assim, a telenovela busca representar esta intenção do embaixador em manchar a imagem do governo brasileiro internacionalmente, mas também internamente. O que também, com bases nas fontes históricas, como Graham (1962), Rezzutti (2019) e Schwarcz (1998), pode-se supor que o embaixador teria mesmo estas intenções ‘traiçoeiras’ de prejudicar o governo brasileiro. Ao passo que o autor descreve o embaixador inglês como indivíduo astuto e com pretenções de impor prejuízos comerciais e políticos ao Brasil, também é interessante verificar através dos diálogos criados pelo autor da telenovela, a atribuição a Dom Pedro II de um chefe de governo constantemente atento com as suas relações internacionais.

A relação conflituosa entre Christie e a câmara brasileira mostra-se instável também nestas fontes historiográficas levantadas para esta pesquisa. Graham (1962), disserta sobre estes conflitos e insatisfação da câmara com as posições e alegações de Christie. Já Schwarcz (1998), escreve que:

[...] as atitudes de Christie eram recebidas por políticos brasileiros em tom de zombaria. “Aprendeu diplomacia no território dos mosquitos”, dizia o barão de Penedo. Essas são “as loucuras de Mr. Christie”, resumia Zacarias. Mas a maior das “loucuras” do representante inglês foi ter deixado de comparecer ao aniversário de d. Pedro II, em 2 de dezembro de 1862, quando todo o corpo diplomático fora convocado. A situação era tão delicada que pela primeira vez desde a construção do Palácio de Petrópolis o imperador deixava de subir para a estância no verão — como fazia todos os anos logo depois do Natal —, a fim de poder acompanhar os acontecimentos (Schwarcz, 1998).

Estas fontes indicam que os políticos brasileiros estavam insatisfeitos com as alegações feitas pelo embaixador inglês e julgavam ser incabíveis, tratando até mesmo com teor de zombaria. Já a relação com o imperador se mostra conflituosa, como escrito por Schwarcz (1998), o embaixador mesmo sendo convocado a comparecer no aniversário do imperador, não atendeu ao convite.

A representação destes conflitos envolvendo Christie é feita pela telenovela através de uma relação de atritos diretos entre aquele e o imperador, trazendo cenas de discussões entre os dois personagens. Como exemplo, no capítulo 50, o imperador ao chegar em frente à câmara, encontra o embaixador conversando com algumas pessoas, assim começasse uma troca de farpas entre eles. A cena procura retratar ao telespectador os conflitos de diplomacia entre os governos do Brasil e da Inglaterra, em determinado período, a partir do naufrágio do navio inglês. No entanto, as intenções do autor ficam subtendidas para uma questão ainda maior, a pressão inglesa contra o comércio de escravos realizado pelo Brasil. Talvez, ao telespectador menos atento ou menos conhecedor da História do país, essa intenção passe despercebida.

Imagen: Dom Pedro II discute com Christie, de cabelos brancos em frente ao imperador.



Fonte: Globoplay (2021).

Na cena da imagem acima o imperador diz: “Este boicote não irá funcionar. Eu não cederei a um chantagista! (Globoplay, 2021)”. Já o embaixador inglês rebate: Como embaixador, eu preciso defender os interesses de meu país. Ao negar a indenização, vossa majestade mostrou que não tem nenhuma consideração com a Inglaterra, um país amigo que sempre fez tudo pelo Brasil (Globoplay, 2021)”. No entanto, o imperador não aceita esta fala, respondendo: “Por favor, não me faça rir. Os tratados comerciais entre os países favorecem apenas a Inglaterra (Globoplay, 2021)”. Representando a relutância do Brasil em pagar a indenização cobrada. Entretanto, o embaixador ainda completa as suas alegações expressando: “A Inglaterra exige a indenização pela carga roubada ao *Prince of Wales*, pelos soldados brasileiros. Ou isso, ou as retaliações vão continuar e eu vou ter certeza que os brasileiros são todos ladrões (Globoplay, 2021)”. Indicando assim, a representação das alegações que o embaixador e o cônsul inglês fez acerca do roubo da carga, mas na cena também, a população está revoltada com as falas do embaixador e exaltam Dom Pedro II por defender a nação, isto é uma representação acerca da insatisfação da população pela tentativa dos ingleses em se envolver na política brasileira, como escreve Richard Gaham: “Os brasileiros argumentavam que nenhuma nação tinha jurisprudência sobre os cidadãos de outro país ou sobre sua propriedade (Gaham, 1962, p. 119)”. Mostrando que a novela também, buscou representar em suas cenas

esta insatisfação por parte dos brasileiros por conta destas intromissões que os ingleses estavam fazendo na política do país.

3.3.2. Os incidentes utilizados por Christie

Na segunda metade do século XIX, ainda dentro da Questão Christie dois incidentes diplomáticos aconteceram entre o Brasil e a Inglaterra. O segundo incidente que aumentou a tensão entre os dois países, aconteceu no ano seguinte. Três oficiais ingleses bêbados que andavam nas ruas da corte no Rio de Janeiro, foram presos por desacato a polícia (Schwarcz, 1998). O que aumentou ainda mais a pressão para o lado brasileiro, fazendo com que Christie reclame por desculpas formais e deseje que os oficiais sejam libertos da prisão (Rezzutti, 2019, p. 259).

De acordo com Paulo Rezzutti: “Os três bêbados à paisana, tinham brigado com policiais brasileiros no posto Alto da Tijuca (Rezzutti, 2019, p. 259). Mas a produção muda o local da briga para um cassino. Na trama o personagem Tônico se aproxima dos oficiais ingleses pagando bebidas, chama seu comparsa, o policial Borges, e o manda prender os oficiais ingleses com a desculpa de que estão bêbados e desacataram uma autoridade (Globoplay, 2021).

Em continuidade, no capítulo 53, o imperador ainda se recusa a pagar a indenização exigida por Christie, e Caxias informa ao imperador que navios ingleses já estão alinhados na Baía do Guanabara assim o embaixador inglês em tom de ameaça fala:

Diante da recusa do governo em atender as nossas reivindicações só me resta estregar o caso nas mãos do nosso almirante. Diga ao imperador que tentei resolver tudo diplomaticamente, mas que a partir de agora, o destino do Brasil está nas mãos da marinha britânica (Globoplay, 2021).)

Esta ameaça feita por Christie é uma representação da resposta do embaixador ao imperador que informa que entregará o caso ao almirante Warren (Rezzutti, 2019, p. 260). Em decorrência disto, os ingleses enviam a sua marinha para a costa brasileira, com o comando do almirante Warren (Rezzutti, 2019). De acordo com Paulo Rezzutti, Dom Pedro II, escreveu em seu diário:

Suas exigências sobretudo a respeito da última reclamação não podem ser admitidas e concordou-se em que se respondesse a Christie que estes negócios continuariam a ser tratados em Londres para evitar alguma discussão desagradável com Christie que briga com todos (AHMI, [s.d.] apud Rezzutti, 2019, p. 259)

Este escrito do imperador em seu diário demonstra que o mesmo não concordava em pagar a indenização a Christie, menos ainda a sua última exigência, que se refere à prisão dos oficiais ingleses, como também, o seu desagrado com Christie, escrevendo que o mesmo briga com todos, mostrando assim É importante notar que as informações levantadas pelo núcleo de pesquisa da telenovela aqui em questão, sobre esses acontecimentos históricos, é fiel a sua narrativa quanto a figura retratada pelo imperador acerca do embaixador britânico.

Historicamente a tensão deste conflito aumenta quando cinco navios brasileiros são apreendidos pela marinha britânica na baía de Palmas, como também, outros navios da marinha inglesa fecham o Porto do Rio de Janeiro, o que se tornou uma ameaça e um medo de um possível bombardeio na capital do Brasil (Rezzutti, 2019, 263). Já na telenovela, a notícia dos navios brasileiros apreendidos chega ao imperador através de Caxias.

Na telenovela, não são navios ingleses que dominam o Porto do Rio de Janeiro, mas sim, navios brasileiros que estão apostos para proteger o Brasil a mando do imperador. Porém, somente no capítulo 53 a produção buscou a representar os navios ingleses no Porto do Rio de Janeiro, em uma cena rápida, enquanto os mesmos recuam, e a população observa do porto aparentado em suas feições um certo alívio, pensando que estivessem fugindo e o confronto do Brasil e da Inglaterra estivesse chegando ao fim.

Imagen: Os navios ingleses recuando.



Fonte: Globoplay, (2021).

A telenovela dá mais ênfase aos navios brasileiros que estão postos em volta da capital, o que diverge com o escrito por Rezzutti (2019), indicando que a produção fez estas alterações para trazer ao público uma imagem de um Brasil forte que talvez poderia bater de frente com o governo inglês, e também, apresentando um imperador disposto a entrar em guerra para manter o orgulho do povo e a soberania do país. Podemos até questionar, no entanto não devemos perder de vista que trata-se de uma obra ficcional, e como toda ficção não tem obrigação com a verdade histórica.

O que cria ainda mais a imagem de um imperador forte é no capítulo 54 quando Dom Pedro chega à Câmara, onde o povo já estava a sua espera. Da janela do segundo andar, o monarca discursa para seus súditos e diz que os navios foram sequestrados pela marinha britânica, mas também, informa que não irá ceder, pois é a honra do Brasil que está em jogo, assim o povo proclama gritos contra a Inglaterra (Globoplay, 2021). Em seguida, o embaixador inglês se reúne novamente com o imperador, mas a questão continua sem resolução. No final do capítulo, o imperador vai ao Porto e ver os navios brasileiros serem devolvidos. Entretanto, Paulo Rezzutti escreve que a marinha inglesa apenas libertou a tripulação e os passageiros dos navios, mas não devolveu os navios e nem as cargas (Rezzutti, 2019, p. 263). Compreende-se que a produção quis dar um final totalmente favorável para Dom Pedro nesta disputa, com o governo brasileiro resolvendo a questão por completo.

No capítulo seguinte, o imperador paga a indenização, mas Christie ainda subestima o Brasil, mas Dom Pedro entrega um documento informando que as credenciais de Christie como embaixador estão suspensas e o citado deve deixar o país no prazo de sete dias. Nesta cena o imperador ali corta as relações do Brasil com o Inglaterra (Globoplay, 2021). No entanto, ao analisar a obra *Pedro II: o último imperador do Novo Mundo revelado por cartas e documentos inéditos* (2019) de Paulo Rezzutti, entende-se que os fins das relações entre os dois países envolvidos na Questão Christie, ocorreu de outra forma. Com a ida do diplomata brasileiro Carvalho Moura em maio de 1863 à Inglaterra. Paulo Rezzutti escreve que:

O diplomata enviou um relatório explicando todos os atos hostis de Christie e Warren no Rio de Janeiro, mas os ingleses se recusaram formalmente a admiti-los. Conforme instruções dadas pelo governo imperial, o diplomata brasileiro solicitou o seu passaporte e os do resto da delegação, e toda a comitiva se retirou da Inglaterra no início de junho. Um mês depois, a representação inglesa no Rio de Janeiro retirava-se igualmente (Rezzutti, 2019, p. 264).

Diante desta comparação, a produção diverge sobre os resultados da Questão Christie, mostrando a imagem de um imperador que estava em vantagens sem se preocupar com as respostas inglesas, e não um imperador que resolveu diplomaticamente a questão como apontado pelas referências bibliográficas especializadas no assunto utilizadas na pesquisa.

Rezzutti (2019) nos informa que no dia 6 de janeiro de 1863, o monarca foi ovacionado enquanto estava dentro de sua carruagem, sendo cercado pelo povo e consequentemente aumentando a sua popularidade (p. 263). Assim, como representado na telenovela, o imperador também foi ovacionado pela população, só que, no Porto do Rio de Janeiro, enquanto caminhava para ver os navios brasileiros serem devolvidos (Globoplay, 2021). Mostrando assim, que mesmo com as divergências apontadas, os resultados sobre a posição política de Dom Pedro II na Questão Christie foram igualmente positivos, mas ressalta-se que houve exagero por parte da obra ficcional ao criar uma imagem de um imperador que não voltaria atrás de sua palavra e sem consultar a opinião dos ministros, agindo sozinho contra Christie. Obviamente que a teledramaturgia não está interessada nisso, a ela interessa um enredo bem elaborado, de preferência cheio de aventuras e desafios, que prenda a atenção do telespectador do início ao fim.

3.4. O Imperador Na Guerra do Paraguai

Outro fato histórico abordado na telenovela *Nos Tempos do Imperador* foi a Guerra do Paraguai ou a Guerra da Tríplice Aliança considerado o confronto mais sangrento que já aconteceu na América do Sul (Schwarcz, 1998). O confronto começou com a invasão do exército paraguaio à província de Mato Grosso, assim entrando em guerra oficialmente contra o Brasil (Rezzutti, 2019). A entrada da Argentina e do Uruguai aconteceu logo depois, quando o território argentino também foi invadido pelos soldados paraguaios, por conta disso, o Brasil formou um tratado com a Argentina e o Uruguai com o objetivo de derrotar o Paraguai liderado pelo ditador Solano López (Schwarcz, 1998).

A primeira menção a Solano Lopez, líder do Paraguai, em *Nos Tempos do Imperador* (2021), acontece logo no primeiro episódio, quando o ditador invade um acampamento montado para o casal imperial, Teresa e Pedro, que estão em uma viagem catalogando pinturas rupestres e também admirando a fauna brasileira. Solano está em solo brasileiro sem autorização, o mesmo pede a mão da princesa imperial,

Isabel ao monarca, algo que o mesmo nega de imediato, pois a princesa é apenas uma criança.

O ditador corta com a sua espada o mapa do Brasil em frente ao monarca de forma agressiva, indicando assim, uma ameaça ao mesmo. Isso pode ser uma representação de algo que há indícios de ter acontecido, como escreve Lilia Schwarcz: “Alguns biógrafos sugerem que o dirigente paraguaio teria pedido a mão de uma das princesas em casamento, o que foi considerado afrontoso pelo imperador (Schwarcz, 1998)”. Entretanto, sobre esta motivação envolvendo o pedido de casamento, não há indicativos deste confronto pessoalmente entre Dom Pedro e Solano Lopez, mas a novela encena este encontro e justifica que foi ordem do imperador este encontro não vir a público, mas precisa-se entender que a ficção quer atrair o telespectador, tornando o momento mais dramático e tenso, como também, constrói o ditador como vilão.

Entretanto, entende-se que para iniciar de fato os primeiros caminhos para a guerra, a novela precisa tornar-se mais interessante ao público. A telenovela tenta construir em Solano López, a imagem de um vilão obcecado em derrotar o imperador brasileiro. No capítulo 71, com a confirmação do casamento da princesa imperial Isabel com Gastão, o imperador já demonstra a sua preocupação com a reação de Solano Lopez a união de sua filha mais velha, e também a sua preocupação com o caso uruguai²¹ continua. Os fazendeiros pedem que o imperador resolva o problema com o Uruguai²². Em seguida, Tônico Rocha, principal antagonista da obra, descobre que outro país está tirando o sono do imperador e se empenha para descobrir qual é este país, assim poderá usá-lo para dethronar Dom Pedro.

No capítulo 74, o imperador ler um relatório informando que a delegação brasileira enviada ao Uruguai foi atacada e que o acordo entre os dois países foi queimado. Dom Pedro desconfia que Solano Lopez está envolvido nesta questão, o que realmente se confirma no mesmo episódio (Globoplay, 2021). Este conflito apresentado na novela aconteceu nos registros históricos, Paulo Rezzutti, explica que Solano Lopez já havia fechado um acordo com os *blancos*, um dos lados da guerra

²¹ O Uruguai está envolvido em uma guerra civil.

²² Paula Rezzutti explica que o caso uruguai a aconteceu devido a guerra civil que estava acontecendo no país, muito brasileiros tinham propriedades e também moravam na fronteira. Os brasileiros pediam a ajuda do Governo imperial devido a violência que estava acontecendo.

civil uruguaia e que o Brasil escolheu apoiar o general Flores o outro lado da guerra civil (Rezzutti, 2019, p. 268).

Na construção deste vilão obcecado que a novela busca criar em volta de Solano Lopez, no capítulo 83, o ditador aparece disfarçado pelas ruas do Rio de Janeiro exatamente no dia do casamento da princesa Isabel. Olhando para o imperador que passa na carruagem real retornando para o palácio. Continuando, no próximo capítulo, o imperador encontra Solano Lopez dentro do palácio. Desta forma, a novela conclui a construção de um vilão obsessivo, que tudo o que importa é derrotar o imperador. Na trama Solano Lopez não se conforma com a intromissão do imperador brasileiro na guerra civil uruguaia quando Dom Pedro informa que pretende sim apoiar Flores, pois precisa proteger seus súditos brasileiros que tenham propriedades no Uruguai, e também os que moram na fronteira (Globoplay, 2021). É dessa forma que a trama aponta o início das tensões na América do Sul. Como escreve Lilia Schwarcz: “[...] o cenário da guerra já estava montado e só faltava o estopim (Schwarcz, 1998).

A novela representa bem estas tensões, porém põe a principal culpa destas tensões em Solano Lopez, mas comprehende-se que a escrita ficcional, como afirmado anteriormente, não tem a obrigação de ter total fidelidade com as fontes históricas, mas representa este período antes da guerra definitiva entre os países de uma forma que atraia o público e também explica como o caso uruguaio foi um dos primeiros passos para o início deste conflito, então, ainda assim, ela transmite conhecimento para o público.

Imagen: Solano Lopez conquista a província do Mato Grosso.



Fonte: Globoplay (2021).

Na imagem, os soldados paraguaios comemoram junto ao líder Solano Lopez, sua feição indica satisfação pela conquista da província brasileira do Mato Grosso. Em seguida, Dom Pedro II declara oficialmente o estado de beligerância entre o Império do Brasil e a República do Paraguai.

Ao que parece a novela traz este início da guerra com certa fidelidade, mesmo com as adições feitas na trama para enriquecer o enredo e tornar ao telespectador mais atraente, ainda preocupou-se demostrar esta tensão e a preocupação do imperador em intermediar esta primeira guerra armada contra um país estrangeiro, tentando enfrentar este momento de forma estratégica para lidar com esta crise no império.

No período da guerra contra o Paraguai, no capítulo 93, a preocupação com a falta de força do exército brasileiro é levantada pelo marquês de Caxias, quando expressa em uma conversa com o imperador: “O fato é que precisaríamos de ao menos, três vezes mais homens no exército, majestade (Globoplay, 2021)”. Ainda completa dizendo que com os recursos financeiros que o Brasil tem em suas forças armadas é praticamente impossível de reverter este quadro, ou seja, melhorar o exército naquele momento seria algo difícil. No entanto, o imperador tem um plano, fazer uma campanha para incentivar civis a se alistarem no exército brasileiro. Os alistados serão chamados de “os voluntários da pátria” (Globoplay, 2021).

Imagen: Dom Pedro II se voluntaria para a guerra.



Fonte: Globoplay (2021).

Em seguida, Dom Pedro II, comparece ao alistamento, passando entre os civis e diz: “Eu faço questão de ser o voluntário número um (Globoplay, 2021)”. Na imagem, o imperador está se alistando ao exército brasileiro, sendo assim, o primeiro voluntário na guerra contra o Paraguai. Segundo Paulo Rezzutti, d. Pedro escreveu:

O Rio Grande foi invadido. Meu lugar é lá, e para lá vou partir [...]. Quem não gostou da ideia foi o governo que protestou. De acordo com os ministros, no teatro da guerra, o imperador mobilizaria as forças locais, enquanto na capital ele mobilizaria todo o Brasil. O Conselho de Estado. Deliberando sobre a iniciativa do imperador, também foi contra a partida do imperador para o teatro de operações (Rezzutti, 2019, p. 269-270).

Paulo Rezzutti descreve este momento, mostrando como esta decisão partiu do próprio imperador, que mesmo com a insatisfação do Conselho de Estado com sua decisão tomou uma atitude por conta própria. Esta decisão era vista como perigosa, pois, poderia colocar a vida do imperador em risco, já que, o mesmo queria estar diretamente no campo de batalha enfrentando pessoalmente o inimigo.

Ao final do episódio 94, o imperador ainda se posiciona: “Os ministros não querem que o imperador vá para a guerra. Que seja! Irei para os campos de batalha, como um simples cidadão brasileiro. Eu estou abdicando do trono (Globoplay, 2021)”. Isto é claramente uma representação aos registos históricos onde Dom Pedro II escreveu: “Se podem impedir que siga como imperador, não me impedirão que

abdique, e siga como voluntário da Pátria (Lyra, [s.d.] apud Rezzutti, 2019, p. 270)". A obra ficcional retrata a opinião que se formou acerca desta decisão do imperador, já que o mesmo era visto mais como um estudioso, um intelectual, e não como um guerreiro, isso faria ele se expor a perigos inúteis (Schwarcz, 1998).

O imperador vai realmente para o campo de batalha, mas para os confrontos do Rio Grande do Sul, com seu genro, o duque de Saxe, e o marquês de Caxias como ajudante de ordens (Rezzutti, 2019, p. 271). A representação desta partida é feita no capítulo 99, com muita comoção, dando ao imperador uma imagem de bravura e dedicação a pátria (Globoplay, 2021). Portanto, a novela trás estas representações sobre esta estratégia, o primeiro voluntário da pátria, tomada pelo próprio imperador, para incentivar a população e atrair mais alistamentos dos civis para o exército buscando fortificar a força militar, como também, dar exemplo ao povo com seu sentimento nacionalista, já que o próprio imperador do país, também quer lutar pela pátria no campo de batalha.

A guerra levou ao Tratado Secreto da Tríplice Aliança, que foi um acordo entre os países Brasil, Argentina e Uruguai. Nele, determinava-se que só se negociaria a paz mediante a deposição de Solano López (Schwarcz, 1998). Os primeiros indícios entre o acordo destes países envolvidos no tratado, aparecem no capítulo 97 quando Dom Pedro pergunta sobre notícias da Argentina na guerra. O marquês de Caxias informa que o presidente Mitre, negou o pedido de Solano Lopez para atravessar o país e ter acesso mais rápido ao Brasil. O marquês também informa que Solano Lopez, invadiu a Argentina começando uma guerra contra os argentinos, e ainda completa que tinha uma boa notícia para o imperador, a Argentina quer se aliar ao Brasil contra Solano Lopez (Globoplay, 2019).

O acordo oficial é representado na telenovela através da fala do imperador ao anunciar em sessão na Câmara de Deputados, no capítulo 99, a aliança firmada entre os países dizendo:

Nessa campanha que temos pela frente, o Brasil não lutará sozinho. Nossos vizinhos, o Uruguai e Argentina, também ultrajados pelo Paraguai, se unem a nós num esforço conjunto de guerra. Uma Tríplice Aliança, formando um contingente de quase 30 mil homens, 18 mil no Brasil, sendo 10 mil voluntários de todo o império. Tenho certeza de que muito em breve estaremos comemorando a derrocada de Solano Lopez (Globoplay, 2021).

Em relação a isto, Schwarcz (1998), aponta que o número de soldados do exército brasileiro foi crescendo gradualmente e que no início da guerra, o país dispunha-se de 18 mil soldados, revelando números condizentes com o apresentado na fala do personagem (Dom Pedro II). Ainda mais, o encontro entre os três líderes da Tríplice Aliança, imperador Dom Pedro II, presidente Mitre e presidente Flores, ocorreu no dia 1º de maio de 1865 (Schwarcz, 1998). Na obra de ficção que este estudo analisa, a representação deste encontro entre o imperador e os líderes da Argentina e Uruguai ocorre no capítulo 107, assim os três líderes finalmente firmam o tratado pessoalmente, com o objetivo de derrotar o ditador Solano López (Globoplay, 2021). Diante disto, a obra que esta pesquisa analisa faz a representação do acordo firmado pelo imperador com os presidentes da Argentina e Uruguai apresentando acontecimentos que se assemelham aos reais mostrando a preocupação da produção no trato do fato histórico e em apresentar ao público estas informações.

3.4.1. O novo comandante do exército brasileiro

A decisão do monarca em colocar o marquês de Caxias como novo comandante do exército brasileiro na Guerra do Paraguai é representada de forma rápida sem mostrar os conflitos internos que se seguiram na Câmara. Estes conflitos ocorreram por conta da insatisfação dos liberais com a decisão de pôr Caxias como novo comandante, porém, Dom Pedro II conseguiu manter a câmara sob controle (Rezzutti, 2019, p. 281). Já a telenovela faz a representação da decisão do novo comandante no capítulo 130. Dom Pedro decide substituir o comandante Tamandaré, já no próximo capítulo, 131, nomeia o marquês de Caxias como o novo comandante do exército brasileiro através de uma assembleia (Globoplay 2022). Apenas isto que é mostrado na telenovela, sem estes conflitos internos entre a parte liberal da câmara e a parte conservadora. No entanto, o conflito interno que mais ganha destaque na trama da obra ficcional que esta pesquisa analisa é a insatisfação do próprio genro do monarca, Gastão, o conde d'Eu.

Esta insatisfação por parte do conde d'Eu se deu pelo imperador não deixá-lo informado acerca dos assuntos da Guerra do Paraguai. No capítulo 100, Gastão e Isabel voltam para o Brasil e descobrem que o país está em guerra com o Paraguai. O conde d'Eu fica inconformado por não saber que a guerra estava acontecendo, ainda completa que não é a primeira vez dele em um campo de batalha e que

sobreviveu. Ele precisa ir para a guerra (Globoplay, 2021). O que deixou a princesa Isabel inconformada com a decisão de seu marido em partir para o campo de batalha, mas para o conde d'Eu, como marido da futura imperatriz, o imperador precisa reconhecer a importância da presença no campo de batalha (Globoplay, 2021). Como escrito por Paulo Rezzutti sobre a posição do conde d'Eu: “Queria participar da Guerra do Paraguai, se cobrir de glórias e fazer o seu nome no Brasil, honrando o sogro e a esposa (Rezzutti, 2019, p. 276-277)”. Diante disto, percebe-se que produção da telenovela analisada nesta pesquisa, preocupou-se em pôr a posição e a intenção do conde em participar das questões brasileiras devido ao fato de ser o futuro imperador consorte,

No capítulo 115, Gastão deseja ocupar algum posto administrativo, ter alguma relação com a política e a administração do país em que a sua esposa seria a futura governanta. No entanto, Dom Pedro parece não dar ouvidos ao genro (Globoplay, 2021). Como também, esta insatisfação permanece no capítulo 119, Gastão cada vez mais indignado com a falta de poder e pensando que o imperador estava o afastando das decisões políticas, das assembleias e das estratégias da guerra. Ele pede para voltar a guerra como comandante de um exército. O imperador não o dá a resposta no momento. Ainda mais, no capítulo 130, Gastão está insatisfeito com as decisões do sogro em não o nomear como novo comandante, mas sim, nomear o marquês de Caxias.

Os desdobramentos dos conflitos entre o imperador e o genro, conde d'Eu, se passam entre uma trama adicional que a produção acrescentou ao enredo, onde mulheres negras estão sendo sequestradas e feitas de escravas sexuais, com o conde se comprometendo em encontrá-las, mas no momento seus esforços não estão tendo os resultados esperados, e também ao fato do imperador preferir nomear o marquês de Caxias ao invés do próprio genro, marido da princesa imperial (Globoplay, 2022). Paulo Rezzutti expressa que: “A vida do genro e a manutenção do casamento com a herdeira também foram levadas em conta na decisão do imperador (Rezzutti, 2019, p. 278)”. Ou seja, as decisões políticas do imperador, também foram afetadas por motivos pessoais, isto também, é representado na telenovela, com a princesa imperial admitindo que pediu ao pai para não deixar seu marido participar dos conflitos.

Em complemento, o conde d'Eu consegue finalmente ser nomeado comandante do exército, em decorrência da abdicação de Caxias, o imperador finalmente decide nomear o Gastão (Rezzutti, 2019, p. 287). Isto também, é

representado na trama. Caxias, abdica já exausto e então Gastão é nomeado o novo comandante. Portanto, as representações destes conflitos políticos internos na decisão de Dom Pedro II em relação a nomeação do comandante do exército, foi mais focado na trama entre o imperador e o conde d'Eu, não mostrando os conflitos da câmara entre os liberais e os conservadores, tendo assim, esta lacuna acerca da nomeação de Caxias.

Para o imperador a guerra contra o Paraguai só acabaria com a detenção de Solano López, seja ele preso ou morto (Rezzutti, 2019, p. 285). Segundo Lilia Schwarcz, até mesmo o marquês de Caxias já tinha dado pôr fim à guerra, e retornou ao Rio de Janeiro amargurado com as críticas que a sua atuação como comandante recebeu (Schwarcz, 1998). Logo, o conde d'Eu passa a comandar as tropas brasileiras no dia 22 de março de 1869, porém, a sua partida não foi tão gloriosa. Com o Paraguai já abalado com a guerra e com muitas perdas, Lopez passou a enviar crianças e adolescentes para o campo de batalha. O que seria um enfrentamento fácil para o Brasil, se tornou uma situação vexaminosa segundo Schwarcz (1998).

Esta insistência de Solano López, é representada no capítulo 148. Nele, o marquês de Caxias pede que o líder paraguaio se renda em nome do seu país, mas ele se recusa, já Caxias rebate argumentando que os paraguaios já não existem mais, e que o exército deles estava quase todo aniquilado (Globoplay, 2022). Ademais, o Paraguai já está totalmente encravado no capítulo 149, e Solano López está fugindo já sem as forças do próprio exército. Ao final do capítulo, um dos combatentes brasileiros ao investigar um quarto a procura de soldados inimigos, encontra uma criança paraguaia portando uma arma de fogo. O soldado manda abaixar a arma, a criança o faz, mas ele acaba sendo atingido nas costas por um tiro, outro soldado brasileiro o defende atirando de volta no soldado paraguaio que o atingira. Ao cair no chão, o soldado brasileiro baleado diz assustado: "Era um menino... (Globoplay, 2022)". Logo, a novela traz esta representação da Guerra do Paraguai já sendo postergada, com Solano Lopez não se rendendo e colocando até mesmo crianças para compor o exército paraguaio já devastado, e a perseguição e insistência por parte do Governo brasileiro em acabar esta guerra apenas com a detenção de Solano Lopez.

No entanto, a posição de Caxias na telenovela é diferente, ele continua na caçada por Solano Lopez de forma determinada, talvez a telenovela tenha buscado transformar a imagem de Caxias em um herói, mas ao final, o marquês ainda retorna

pra o Rio de Janeiro para entregar o seu cargo apenas no capítulo 152, mas Dom Pedro, não aceita, ainda precisa prender Solano Lopez. Para o monarca a guerra só acabará com Solano López preso. Assim, sendo a representação desta determinação do imperador em acabar a guerra somente com a rendição de Solano Lopez, mesmo com o Paraguai já devastado com a guerra (Globoplay, 2022). Portanto, ainda sim, no antepenúltimo episódio traz a representação da renúncia de Caxias, e no penúltimo episódio, o mesmo recebe o título de duque, indicando assim como a produção faz esta construção de heroísmo sobre o agora, duque de Caxias. Em seguida, em uma cena rápida o conde d'Eu assume o comando, e já no último capítulo Solano Lopez é cercado pelas forças brasileira e morto (Globoplay, 2022).

Nestes momentos finais da telenovela, como a obra tem o intuito de entreter, foca-se apenas em momentos felizes e na construção na imagem de um imperador que se preocupou com o bem da nação a todo momento, não faz menções a forma como a mídia internacional estava enxergando o Brasil ao final da Guerra do Paraguai. O imperador também temia que esta caça por Solano Lopez trouxesse desonra para a imagem do Brasil, assim como, o país teve consequências financeiras devido ao confronto (Rezzutti, 2019, p. 288). Entretanto, comprehende-se que a produção da telenovela buscou trazer estes momentos políticos do imperador, como suas decisões e estratégias tomadas para a guerra, trazendo ao personagem esta figura de um imperador estudos e preocupado com nação que ainda estava em seu processo de formação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de conclusão de curso dedicou-se a analisar a telenovela *Nos Tempos do Imperador* (2021), buscando compreender como a narrativa ficcional da telenovela citada, fez representações do período histórico conhecido como Segundo Reinado Brasileiro e discutir os pontos em que a obra ficcional e a historiografia se encontram, mas também, se divergem. Ademais, também através da análise da telenovela, foi possível discutir como a obra ficcional transmite a História para o seu telespectador, sendo um difusor de conhecimento, valores e culturas. Ao longo do século passado, as telenovelas estiveram e ainda estão muito presentes nas televisões das casas brasileiras, assim ela emerge como um objeto de padrão massivo, uma cultura popular de massa (Borelli, 2001, p. 32). Ou seja, mesmo sendo uma obra ficcional com o intuito de entreter o seu público alvo, quando se produz uma

obra com teor histórico, a novela ainda sim, faz representações deste período histórico para o telespectador.

Este conhecimento histórico pode ser incluído a telenovela, a partir da forma que a produção integra este tipo de conhecimento mesmo sem deixar de ser uma obra de teor ficcional (Sonata, 2020). Assim, pôde-se analisar a obra como um objeto de estudo para a realização desta pesquisa, tendo como base estudos historiográficos do período referido, e também, observando os elementos, como as falas, os cenários e as cenas, buscando compreender como a telenovela realizou estas representações culturais do Segundo Reinado englobando a uma obra de ficção.

As representações do contexto histórico-sócio-cultural do período estudado em *Nos Tempos do Imperador* (2021), tem as suas divergências, porém, ainda sim, a telenovela se propõe a fazer as representações do contexto da época como relações de poder e aspectos culturais, logo, comprehende-se que os telespectadores que assistem como forma de entretenimento, também estão consumindo conteúdo histórico. Como escreve, Sonata (2020): “[...] o conhecimento técnico para realizar a crítica do produto e a possibilidade de estudar a narrativa histórica atinente à determinada época (p, 28)”. Mostrando assim, como as telenovelas mesmo sendo um produto lucrativo, ainda pode-se ser utilizada para estudar um período histórico que ela se propõe a retratar, porém, com precisa-se do uso técnico adequado, já que a ficção cria narrativas para atrair o seu público, podendo se adaptar ao público atual.

Os aspectos sócios-culturais, como as organizações sociais da sociedade escravocrata oitocentista, como a elite, a organização política e quem compunha essa elite oitocentista, foram retratadas em *Nos Tempos do Imperador*, englobando aos seus personagens, construídas em seus cenários e transmitidas pelos personagens, como os fazendeiros, proprietários e terra que lucravam com a escravidão da época, a nobreza, se utilizando de títulos aos personagens, construindo também comportamentos destes em seus cenários.

Outrossim, a questão racial, as revoltas da população negra e escravizada, que já estavam cansadas de serem exploradas, abordando em seu enredo a luta negra, como também, as condições sujeitas aos escravizados e também, aos negros livres, porém, de forma mais censurada. Ainda mais, o papel da mulher dentro desta sociedade predominantemente patriarcal, tem as suas representações dentro da trama, com a luta de Pilar que estudar em uma sociedade predominantemente patriarcal. Tudo é transmitido para o telespectador, assim, sendo possível o

consumidor da telenovela *Nos Tempos do Imperador* entender os aspectos socioculturais do período representado.

Ademais, a representação da figura e atuação política do imperador Dom Pedro II, as preocupações do monarca, como as suas decisões políticas no governo imperial brasileiro, já que o mesmo ocupava o maior cargo de poder da época, diante da Constituição de 1824, também a sua representação. Em *Nos Tempos do Imperador* (2021), a produção se preocupou em inserir ao seu enredo esta figura política do imperador, já que também, ele é o principal personagem da trama. Diante disto, produção se empenhou, em abordar a preocupação política envolvendo a educação das princesas e relevância política desta decisão, os casamentos da família real como uma manutenção de status, o próprio casamento do imperador, como também, os das princesas do Brasil, necessitando escolher genros dignos, os dois sendo também príncipes, ainda mais, a maior preocupação sendo o casamento da princesa imperial Isabel, a herdeira direta do trono brasileiro.

As representações da Guerra do Paraguai e a participação política de Dom Pedro, com a estratégia para aumentar e fortificar o exército brasileiro com a estratégia de se voluntariar. A decisão de nomear o marquês de Caxias como comandante do exército brasileiro, os seus conflitos internos com o genro que queria um espaço na política brasileira e a caça ao ditador paraguaio. No entanto, a novela adiciona ao seu enredo elementos que favoreçam a figura do imperador, assim divergindo das fontes histórias utilizadas como base para a pesquisa.

Em decorrência, por ser uma obra ficcional, a sua principal preocupação é atrair o maior número de público, então no desenvolver da novela, a produção traz uma romantização em alguns acontecimentos históricos. A sociedade escravocrata tem suas divergências, de exemplo da questão racial. A sociedade oitocentista escravocrata, torna-se mais suavizada, não mostrando de forma mais explícita as condições dos escravizados neste período, inserindo ao público uma população miscigenada onde se havia muito “senso de justiça” por parte dos protagonistas brancos, não mostrando que a família imperial tinha criados negros, como exemplo do negro Rafael, criado particular de Dom Pedro, que também o serviu durante a vida toda, até mesmo viajava com o imperador (Rezzutti, 2019, p. 95). Como também, cria a imagem de uma família imperial modesta, muito justa que vivia entre a população e que se preocupava muito com o povo, não mostrando as várias festas que a corte imperial realizava (Schwarcz, 1998). Então, esta romantização das figuras históricas

se propõe a criar uma imagem de heróis, humildes e bonzinhos sobre os seus principais personagens.

Ainda assim, os resultados da pesquisa mostram-se positivos, já que é perceptível através da pesquisa realizada, a preocupação da produção em pesquisar e inserir ao seu enredo acontecimentos históricos, como o nascimento do imperador, fazendo uma referência a telenovela transmitida anteriormente, *Novo Mundo* (2017), que tem como parte de seus protagonistas Dom Pedro I e Dona Leopoldina, trazendo recordações do nascimento do príncipe, também, a abdicação do pai, dentro do enredo de *Nos Tempos do Imperador* (2021) como também, a perda dos dois filhos de Dom Pedro II e Dona Tereza Cristina, também aborda os rumores de amantes, principalmente o relacionamento extraconjugal entre a condessa de Barral, que Rezzutti (2019) denomina “O furacão Barral (p. 237)”.

No entanto, a novela aumenta em sua narrativa as tramas em volta do imperador, trazendo, este amor proibido entre ele e Barral, adicionando a perda de um filho bastardo, fruto do relacionamento extraconjugal entre os dois. A decepção das princesas ao descobrirem que a preceptora era amante do pai, entre outros elementos que a dramaturgia engloba em sua construção para prender o telespectador na história. Ou seja, mesmo adicionando em sua narrativa elementos extras para dramatizar a vida da família imperial, a telenovela se empenhou em trazer a História, indicando que a produção se preocupou pesquisar fontes históricas a obra ficcional, assim misturando a História e a ficção em sua obra.

Concluindo, as telenovelas históricas podem ter seus elementos dramáticos, englobados na sua produção, podendo cometer anacronismos e divergir acontecimentos históricos para modificar a imagem de um personagem, ou então aumentar a construção destes, porém isto não tira o valor da sua narrativa histórica e como ela é uma transmissora de conhecimento cultural ativa para o público que a consumir. A telenovela *Nos Tempos do Imperador* pode ter as suas divergências históricas para aumentar a narrativa em favor de suas figuras históricas, mas isto não desvaloriza o valor histórico que ela possui ao representar o Segundo Reinado, ainda assim, *Nos Tempos do Imperador* mantém seu teor histórico contribuindo como uma fonte de conhecimento para a população que a consome.

5. REFERÊNCIAS

ACADEMIA Brasileira de Cinema, c2025, Disponível em: academiabrasileiradecinema.com.br/socios-acad/thereza-falcao/. Acesso em: 24 nov. 2024.

ARÉVALO, Esneyder Isait Manjarrez. **Saber popular e saber médico**: um estudo das parteiras (Século XIX). Editora Dialética, 2022.

BARROS, José D.'Assunção. A História cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3055/305526860014.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2025.

BERSA, Aline. Nos Tempos do Imperador: conheça um pouco sobre a trama e curiosidades históricas da novela das seis. **TV Liberal**. 2021. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/pa/tvliberal/noticia/nos-tempos-do-imperador-conheca-um-pouco-sobre-a-trama-e-curiousidades-historicas-da-nova-novela-das-seis.ghtml>. Acesso em: 24 nov. 2024.

BORELLI, Silvia Helena Simões. Telenovelas brasileiras: balanços e perspectivas. **São Paulo em perspectiva**, v. 15, p. 29-36, 2001.

BRASIL. Constituição Política do Império do Brasil. 1824, Título VI, Art. 117. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm. Acesso em: 16 ago. 2025.

BRASIL Escola, c2025, Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/biografia/selton-mello.htm>. Acesso em: 15 nov. 2023.

CAIRUS, José. Sócios, parceiros e clubes: pluralidade, redes de solidariedade e liderança na Revolta Malê em 1835. 2007. p. 178. Disponível em: <https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/18014>. Acesso em: 06 maio 2025.

CÂMARA, Rosana Hoffman. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **GERAIS: revista de psicologia**. 2013, p. 179-191. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1983-82202013000200003&script=sci_arttext. Acesso em: 12 abr. 2025.

CAPELA, José. Alberto da Costa e Silva, A MANILHA E O LIBAMBO. A África e a escravidão, de 1500 a 1700. **Africana Studia**, n. 5, 2002.

CASTRO, Hebe Maria Mattos de; RIOS, Ana Maria. Laços de família e direitos no final da escravidão. **História da vida privada no Brasil: império**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 337-383, 1997.

CHARTIER, Roger et al. A história cultural. **Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, v. 1, 1990, p. 19-20. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/64465822/Hist%C3%B3ria_Cultural_entre_pr%C3%A1ticas_e_representa%C3%A7%C3%A7%C3%B5es_Roger_Chartier-libre.pdf?1600459914=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DA_HISTORIA_CULTURAL_ENTRE_PRATICAS_E REP.pdf&Expires=1767205746&Signature=ba5B10~hCdt3k7~iauR-MFzWu-

2xquC34-CmCXUjxXLZ~TdpmVcVguvuTuiAQHVmAw8zetN7mUrl~xsCpB4ZoifdH-6gGOV5sxYj~z0Npx~T-
 Kxoucrs4PvPtzgpAkMBfg~eFhPrK5ihloPusriQBvx7IX1i2eZ3TrhKoaQ9yb9iSqe-pgvW-
 tgd3s9eojv5CB7AM~a2d~kEXKP3QDVKqxqixVgm2e0SheuuKEkGD2d0A0v94LijLB-
 MbgoCoOaGSaxZTNyR63C70eucjEU883Tqk5o6Rh7k83TJNiy3Yw18DILTGA2fQwH
 br8eBQRASnjEGscx5Pt8r6iQn9AB3GA__&Key-Pair-
 Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 10 abr. 2025.

CHARTIER, Roger et al. A história cultural. **Entre práticas e representações. Lisboa: Difel**, v. 1, 1990, p. 19-20. Disponível em: https://d1wqxts1xzle7.cloudfront.net/64465822/Hist%C3%B3ria_Cultural_entre_pr%C3%A1ticas_e_representa%C3%A7%C3%A7%C3%B5es_Roger_Chartier-libre.pdf?1600459914=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DA_HISTORIA_CULTURAL_ENTRE_PRATICAS_E REP.pdf&Expires=1767205746&Signature=ba5B10~hCdt3k7~iauR-MFzWu-2xquC34-CmCXUjxXLZ~TdpmVcVguvuTuiAQHVmAw8zetN7mUrl~xsCpB4ZoifdH-6gGOV5sxYj~z0Npx~T-
 Kxoucrs4PvPtzgpAkMBfg~eFhPrK5ihloPusriQBvx7IX1i2eZ3TrhKoaQ9yb9iSqe-pgvW-
 tgd3s9eojv5CB7AM~a2d~kEXKP3QDVKqxqixVgm2e0SheuuKEkGD2d0A0v94LijLB-
 MbgoCoOaGSaxZTNyR63C70eucjEU883Tqk5o6Rh7k83TJNiy3Yw18DILTGA2fQwH
 br8eBQRASnjEGscx5Pt8r6iQn9AB3GA__&Key-Pair-
 Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 10 abr. 2025.

DE ALMEIDA, Leandro; DE OLIVEIRA, Milton César Neres. A influência do trabalho escravo nos engenhos e nas fazendas de cana de açúcar no estado de Mato Grosso no século (XVIII e XIX). **Revista Campo do Saber**, v. 5, n. 2, 2019. Disponível em: <https://periodicos.iesp.edu.br/campodosaber/article/view/306>. 06 maio 2025.

DE ALVIM, Vania Maria Correa. **Movimentos proféticos prepolíticos e contraculturais dos negros islamizados na Bahia do século XIX a revolta dos maus**. S. ed., 1975.

DEL PRIORE, Mary. Mulheres de açúcar: vida cotidiana de senhoras de engenho e trabalhadoras da cana no Rio de Janeiro, entre a Colônia e o Império. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, n. 438-439, p. 57, 2008. Disponível em: https://d1wqxts1xzle7.cloudfront.net/31690034/Revista_do_IHGB-libre.pdf?1392424597=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DSantos_de_Cor_hagiografia_e_hierarquias.pdf&Expires=1763614016&Signature=a19tZAc4WNXW7H0E6LZ09EG7Sgdlt5lmdHkvUFdRvNidP26hXO1RxHITposiooFpsaUrjqmTPU0-v9TSBYllraxQC~52vgBJZ~tTpYHXRllKw3xWqazMwdbYCdfzqMZE65b6BchGUX~jR7Hog8jmJ0CDQ~RlaJCOjgKX~Nh5Qrc~CiAhd2v3mjYMdT3oSf-ZT85aSr~XAwndSPjv0GpfzNFUUt4XZTDarTkLUCISpBmQdIAXq0UbWY2hvl6iO38CaH0ju9kNDZP1EF9J0~4ddC1dvD47fC4qDDUaEvfWiYSkDbOONmvAjxZwhbAG9LpYT~~ABkyp709BhDHYSNKQ__&Key-Pair-
 Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=57. Acesso em: 16 abr. 2025.

DEL PRIORE, Mary. **Sobreviventes e guerreiras**: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000. Planeta Estratégia, 2020.

DE PAULA PEREIRA, Bergman. De escravas a empregadas domésticas-A dimensão social e o "lugar" das mulheres negras no pós-abolição. **Anais do Encontro da ANPUH**, 2011. Disponível em: <https://escrevivencia.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/04/de-escravas-a-empregadas-domc3a9sticas.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2025.

DE SOUZA, FLAVIA FERNANDES. Escravas do lar: as mulheres negras e o trabalho doméstico na Corte Imperial. In: XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; DOS SANTOS GOMES, Flávio (Ed.). **Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação**. Selo Negro Edições, 2012, p. 244-260.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. Unesp, 2004.

DOS SANTOS GOMES, Flávio; SOARES, Carlos Eugênio Líbano. "Dizem as Quitandeiras...": Ocupações urbanas e identidades étnicas em uma cidade escravista: Rio de Janeiro, século XIX. 2011. Disponível em: <https://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/211>. Acesso. 14 maio 2025.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12º edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

FERRARI, Ana Josefina. Fuga e resistência: o caso das fugas dos escravos na cidade de Campinas entre 1870 e 1880. **Revista Conexão Letras**, v. 1, n. 1, 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/55662>. Acesso em: 06 maio 2025.

FLORENTINO, Manolo. Alforrias e etnicidade no Rio de Janeiro oitocentista: notas de pesquisa. **Topoi (Rio de Janeiro)**, v. 3, n. 5, p. 9-40, 2002. 20-21.
FRANCISCO, Ana Cristina B. López M.; VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. Luiza, Isabel e Leopoldina: uma história de mulheres, nobreza e educação no Brasil Imperial (1856-1864). **História da Educação**, v. 22, n. 55, p. 148-168, 2018. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2236-34592018000200148&script=sci_arttext. Acesso em: 16 abr. 2025.

GENER, Lener. **A Criação da Consciência Feminista**: a luta de 1200 anos das mulheres para libertar suas mentes do pensamento patriarcal. São Paulo: Editora Cultrix, 2022.

GRAHAM, Richard. Os fundamentos da ruptura de relações diplomáticas entre o Brasil e a Grã-Bretanha em 1863: "A questão Christie". 1962. Disponível em: https://www.lareferencia.info/vufind/Record/BR_b218cf7720b2657fbc1777fafd7a00e3. Acesso em: 24 jan. 2025.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil**. Editora Companhia das Letras, 2012.

MEMÓRIA Globo, 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/leticia-sabatella/noticia/leticia-sabatella.ghtml>. Acesso em: 24 nov. 2024.

MICHEL Gomes. **CARAS**. c2023. Disponível em: <https://caras.com.br/perfil/michel-gomes.phtml>. Acesso em: 15 nov. 2023.

MONTELEONE, Joana de Moraes. Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: o trabalho feminino no século XIX eo cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920). **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 1, p. e48913, 2019.

MOURA, Clóvis. **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. Edusp, 2004. p. 17

NOS Tempos do Imperador. Diretor: Vinicius Coimbra. Rede Globo, 2021. Globoplay. 154 episódios.

PANDEMIA de covid-19. **Brasil Escola**. c2025. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/pandemia-de-covid-19.htm>. Acesso em: 24 nov. 2024.

PAPO de Cinema. c2017. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/artistas/vinicius-coimbra/>. Acesso em: 24 nov. 2024.

PAZIN, 2024. Disponível em: <https://caras.com.br/tv/tive-uma-historia-linda-na-globo-affirma-alessandro-marson-apos-quase-25-anos-de-contrato.phtml>. Acesso em: 24 nov. 2024.

PEQUENA África. **WIKIFAVELAS**. c2025. Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php/Pequena_%C3%81frica. Acesso em: 11 abr. 2025.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A Pesquisa e A Construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia**. São Paulo: EDITORA RÊSPEL LTDA, 2011, p. 16.

PINHEIRO, Fernanda Domingos; MAIA, Ludmila de Souza. Cativas do corpo, libertas pelo trabalho: casos de mulheres de cor nas fronteiras entre escravidão e liberdade (Mariana, séculos XVIII e XIX). **cadernos pagu**, n. 50, p. e175011, 2017.

PIZZOTTI, Adriana. Selton Mello Analisa Os Desafios de Interpretar Dom Pedro II: 'não é tarefa fácil, mas estou tentando. **Gshow**. Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/nos-tempos-do-imperador/noticia/selton-mello-analisa-os-desafios-de-interpretar-dom-pedro-ii-nao-e-tarefa-facil-mas-estou-tentando.ghtml>. Acesso em: 17 ago. 2024.

REZENDE, Bibiana Conceição. De escravas a vagabundas: as trabalhadoras domésticas e o não-trabalho na transição do século XIX para o século XX. **PEGADA-A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 20, n. 1, p. 237-249, 2019. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/6306>. Acesso em: 13 abr. 2025.

REZZUTTI, Paulo. **Pedro II**: o último imperador do Novo Mundo revelado por cartas e documentos inéditos. São Paulo: LeYa, 2019.

SCHWARCZ, Lilia. **As Barbas do Imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Geovana França. VIOLÊNCIA POLICIAL: COMO A VIOLÊNCIA POLICIAL ESTÁ DIRECIONADA À UMA PARCELA DA SOCIEDADE. **Revista Eletrônica do Curso de Direito-PUC Minas Serro**, v. 14, n. 2, p. 17-34, 2024. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/DireitoSerro/article/view/35331>. Acesso em: 06 maio 2025.

SOTANA, Edvaldo Correa. Telenovela & Ensino de História. **Outros Tempos**. [s.n]. vol . 17, n. 29. 2020, p. 17-33.

SOUZA, Marcos André Torres de. A vida escrava portas adentro: uma incursão às senzalas do Engenho de São Joaquim, Goiás, século XIX. **Maracanan**, v. 7, n. 7, p. 83-109, 2011.